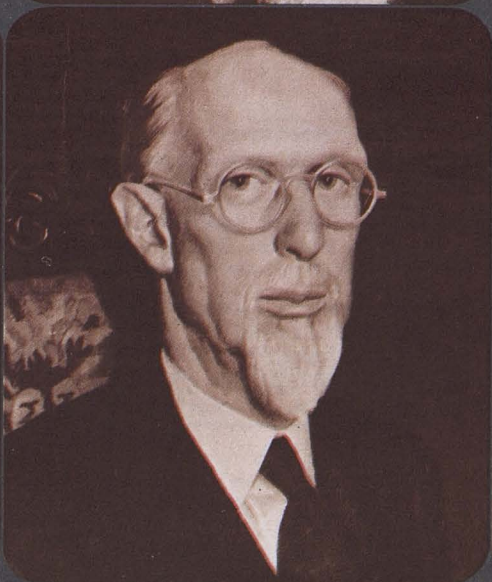
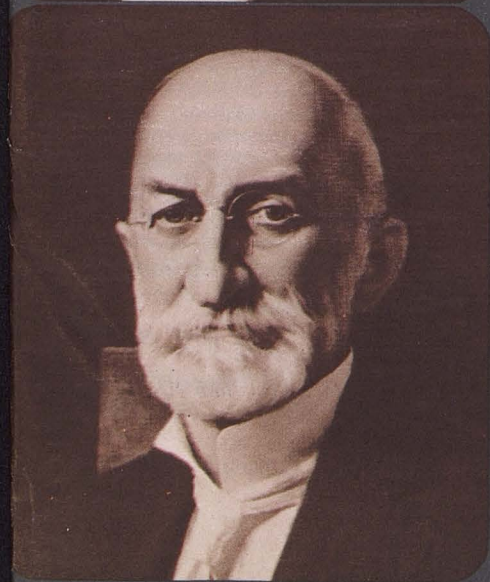
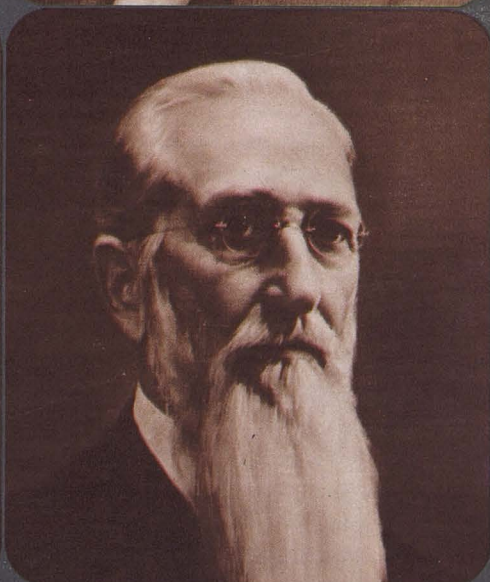
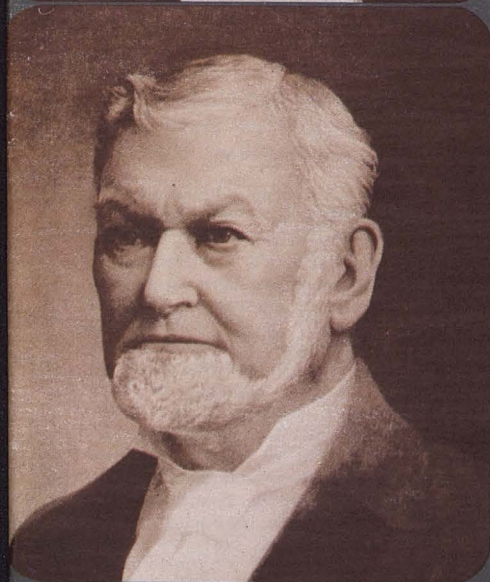
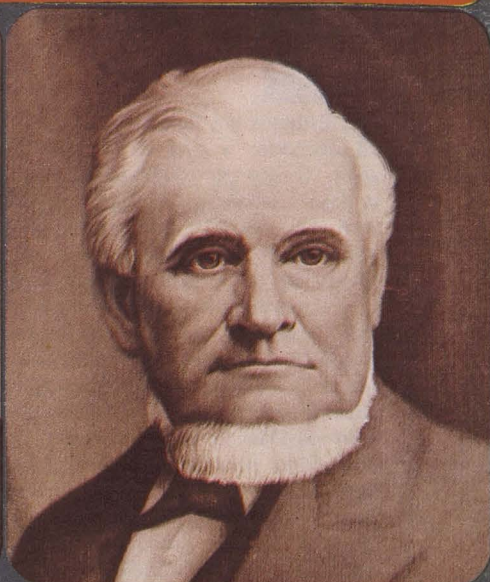


Neste número: Conselhos dos Presidentes da Igreja. No próximo: Fotografias e biografias das Autoridades Gerais.

A LIAHONA

FEVEREIRO

1968





Mensagem de

Joseph Fielding Smith

da Primeira Presidência

Estamos nos tempos do fim! Este é o tempo da ceifa. Este é o tempo predito, o qual é chamado "fim do mundo." Agrada-me que assim seja! Quero ver o mundo chegar ao seu fim! Não vos assusteis quando o digo. Tenho rogado por isto todos os dias. A maioria das pessoas está equivocada quanto ao significado do fim do mundo. Supõem algo inteiramente diferente. Pensam no fim da terra. Não sei porque, afinal, temos de nos preocupar com isso.

Interrompo-me ao dizê-lo porque, se eu fôr iníquo, não me agradarei, mas se guardo os mandamentos do Senhor, agradar-me-ei de que venha o fim da terra, porque teremos uma terra nova e melhor. E isto não está longe. O Senhor nos dará um nôvo céu e uma nova terra, uma terra purificada, restaurada, a terra sôbre a qual cantamos e pregamos, tal como está na Décima Regra de Fé: "...a terra será renovada e receberá a sua glória paradisíaca," purificada da iniquidade. Por mil anos teremos esta espécie de terra, e não haverá guerra, distúrbios, inveja ou mentira. Não haverá iniquidade. Os homens aprenderão a amar ao Senhor e guardar os seus mandamentos, e se não o fizerem, não permanecerão aqui. Este é o fim do mundo.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Joseph Fielding Smith	2
A Vós, Que Sois Chamados a Trabalhar na Igreja David O. McKay	3
Damos Graças a Tí, ó Deus Amado. Richard O. Cowan	4
Conselhos dos Presidentes da Igreja. Neil J. Flinders	5
Os Profetas. Alma Sonne	9
Perdoa a Ti mesmo. Lowell L. Bennion	10
Sacerdócio, A Responsabilidade de Agir. Bispado Presidente	13
Mordomia. Constantino Paschoal	14
Para a Juventude da Igreja. Jessie Arrowsmith	15
A Vida de Josué. John H. Vandenberg	16
Seção das Crianças	17
A Partir de Cumorah - XXI. Hugh Nibley	21
Um Facho de Luz e uma Estrêla Orientadora. Vesta P. Crawford	22
Inspiração. Lowell H. Bennion	25
Viagens Entre o País de Nefi e Zarahemla. Marion D. Hanks	26
A Meta Eterna. IX Lição de Genealogia	29
Nôvo Bispo Preside a Ala São Paulo V. Notícia	30
História da Igreja no Brasil - II. Thomas F. Jensen	31
Jesus Cristo, o Jeová dos Exércitos. Hélio da Rocha Camargo	32
Ramo de Santos, Pioneiro no Esfôrço Educacional. Níveo V. Alcover	35
Águas Passadas. Richard L. Evans	36

Capa

Quais foram os temas mais abordados pelos Profetas desta dispensação nos seus discursos aos membros da Igreja? Para encontrar a resposta, Neil J. Flinders leu cuidadosamente todos os discursos proferidos nas conferências gerais pelos nossos nove Presidentes da Igreja, apresentados na capa. A partir dos resultados, escreveu o nosso artigo de capa para este mês: *Conselhos dos Presidentes da Igreja*. Estamos certos que são de profundo significado para todos os santos dos últimos dias.

Os retratos da capa são reproduções dicromáticas de pinturas a óleo expostas no Templo de Los Angeles. Os artistas são: Edward T. Gregware (Joseph Smith e Brigham Young), Harris Weberg (John Taylor, Wilford Woodruff e Lorenzo Snow) e Alvin Gittins (Joseph F. Smith, Heber J. Grant, George A. Smith e David O. McKay).

Vol. 21 - Fevereiro de 1968 - Número 2

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo, SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

Missão de Construção

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastris S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da Mácron - Indústria Gráfica Ltda., R. das Fiandeiras, 66. São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 5,00; para o Exterior, simples: US\$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US\$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr\$ 0,50; exemplar atrasado NCr\$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante

Tôda a correspondência deve ser endereçada a

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Caixa Postal 19079, São Paulo, SP

A Vós, Que Sois Chamados a Trabalhar na Igreja

Presidente David O. McKay

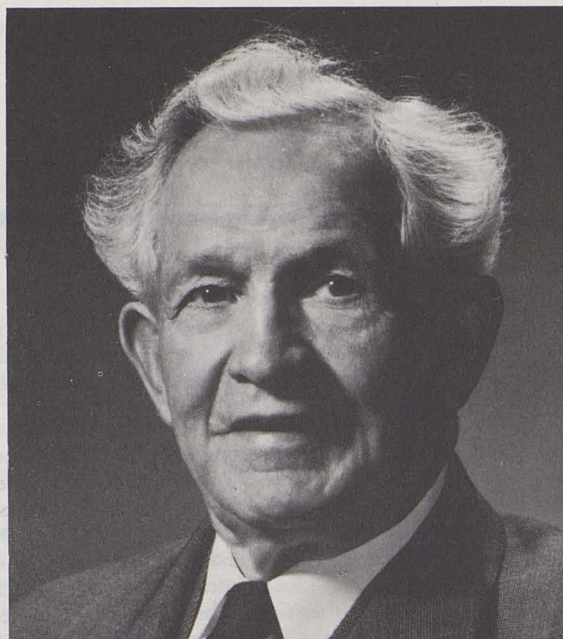
Você pode trabalhar semanas a fio, meses a fio, e julgar os resultados de seu trabalho muito insignificantes, mas toda a palavra, todo o ato de bom exemplo que impressione de alguma forma a juventude viverá eternamente. Você não trabalha em vão. Está engajado na causa mais nobre pela qual a humanidade pode se interessar ou da qual pode se ocupar.

Declaro, com agradecimento, que o desejo de servir manifesta-se em toda a Igreja, não apenas por parte daqueles que ocupam cargos, mas também por parte de alguns membros que por vezes julgamos indiferentes, mas que, se lhes dermos uma oportunidade de prestar serviço, atenderão prontamente, como Samuel nos tempos antigos: "Fala Senhor, porque o teu servo ouve..." (1 Sam 3:9.)

Deus os abençoe a todos, meus companheiros de trabalho. Que a sua influência se possa estender também aos corações de nossos jovens aparentemente indiferentes. Dêem-lhes algo que fazer e eles se juntarão a vocês. Que os resultados dos seus esforços sejam como ecos a propagar-se de alma em alma, avançando eternamente.

É verdadeiramente abençoado aquele que sente a responsabilidade de representar a Deus. Deveria-se sentir isso de forma tal que se tornasse consciente dos seus atos e palavras em todas as situações. Ninguém que possua o sacerdócio pode ser irreverente no lar e permanecer fiel à confiança que lhe foi depositada. Nenhum homem com o sacerdócio pode tratar a sua esposa com desrespeito. Nenhum portador do sacerdócio deixará impunemente de rogar as bênçãos sobre o alimento e ajoelhar-se com seus filhos para pedir orientação divina. O lar se transforma quando o pai possui e honra o sacerdócio.

Ter o sacerdócio de Deus, conferido por autoridade divina, é um dos maiores dons que qualquer homem pode alcançar, e ser digno dele é de capital importância. Hon-



rem o sacerdócio com corpo puro, mente limpa e um grande desejo de servir ao próximo. Vivam vidas honestas e sinceras. Sejam honestos consigo mesmos, com seus irmãos, sua família e com aqueles com quem mantêm relações de trabalho. Sejam sempre honestos, pois os olhos de todos estão postos sobre vocês e o alicerce do caráter é a honestidade e a sinceridade. Todo o homem que possui o sacerdócio edifica sobre esse alicerce.

Você demonstra pela sua presença nos templos a crença — não, melhor que crença — o conhecimento de que os que morreram sem ter ouvido o evangelho de Jesus Cristo poderão ter a oportunidade de ouvir e obedecer seus princípios e receber as bênçãos.

Nicodemos, príncipe dos judeus que reconhecia ser Jesus "um mestre enviado por Deus", veio a Ele de noite perguntar o que o homem deveria fazer. Jesus respondeu: "Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5.)

Pergunto-lhes, irmãos e irmãs, e pergunto também ao mundo: Como entrarão no reino de Deus os milhões de pessoas que morreram sem o conhecimento de Jesus Cristo, se o homem precisa nascer da água e do Espírito para assim fazer?

Alguns talvez respondam que serão salvas por não terem tido oportunidade de ser batizadas. Se pudessem ser salvas sem essa ordenança, então vocês e eu também deveríamos poder ser salvos sem ela. Mas se é necessário que obedecemos a esse princípio, é então imprescindível para todos.

Tal é a posição da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e está em harmonia com as palavras de nosso Salvador. Apenas nos templos dos últimos dias es-

sas ordenanças salvadoras podem ser realizadas em benefício de nossos parentes que não se encontram mais na mortalidade.

O espírito jamais envelhece. É possível sentir-se permanentemente o entusiasmo da juventude. O corpo pode não corresponder como antes, mas o espírito, o entusiasmo, a alegria, a verdadeira inspiração da vida vocês poderão possuir sempre.

Existir é irradiar. Todo o indivíduo exerce alguma influência sobre alguém desde a hora do nascimento até abandonar o estágio mortal. Somos informados de que nenhum rio, isolado o quando possa ser o seu curso, corre para o mar, desde sua nascente sem que abençoe alguma terra. Nenhuma estrela jamais se ergueu ou se pôs sem ter exercido sua influência em algum lugar. Nenhuma vida pode ter um propósito firme ou elevado sem que todo o mundo vivo seja por isso mais forte e melhor.

Deus os abençoe para que possam compreender isso e viver de forma a ser sempre felizes e jovens em espírito.

Damos Graças a Ti, ó Deus Amado

Seleções de um Discurso
de Richard O. Cowan

Tenho pensado no hino "Damos graças a Ti, ó Deus amado", porque para mim ele expressa de forma muito bela algumas das coisas mais importantes pelas quais todos devemos ser gratos.

O primeiro verso deste hino é uma verdadeira prece de gratidão: "Damos graças a Ti, ó Deus amado, por mandares a nós uma luz." Recordo-me de estar servindo no campo missionário durante os primeiros anos da administração do presidente McKay. Por essa época ele viajava muito; na verdade, foi o primeiro presidente da Igreja a visitar as muitas missões no mundo. Posso recordar-me de que meus companheiros e eu, ao lermos os artigos do "Church News" a respeito das visitas do presidente McKay aos membros em todo o mundo, ficávamos comovidos ao saber que os santos o saudavam com lágrimas nos olhos — lágrimas de gratidão, cantando este grande hino "Damos graças a Ti, ó Deus amado." E de certa forma conseguíamos avaliar a emoção dessas pessoas, porque também nós estávamos trabalhando numa missão distante e sabíamos como nossos membros se sentiriam gratos se pudessem estar na presença do Profeta vivo de Deus.

Possuímos hoje um profeta vivo, para guiar-nos nestes últimos dias. Parece, então, que nossa verdadeira responsabilidade é estarmos dispostos a ouvi-lo. Devido ao fato de professarmos crença na revelação divina nos últimos dias e na profecia contínua, nós, mais que qualquer povo do mundo, devemos seguir os profetas. Devemos estar dispostos a ponderar seus conselhos e, acima de tudo, pôr em prática seus ensinamentos em nossas vidas.

Joseph Smith Jr. Wilford Woodruff Joseph F. Smith
 Brigham Young Lorenzo Snow
 John Taylor
 Edward Smith David O. McKay

Conselhos dos Presidentes da Igreja

Neil J. Flinders

Nos últimos 137 anos o povo da terra foi abençoado com nove profetas vivos, homens chamados por Deus que, cada um por seu turno, possuíram as chaves e o poder pertinentes à administração do reino de Deus sobre esta terra. Em consequência do ofício é da autoridade a eles concedida, têm sido instrumentos através dos quais nosso Pai Celestial oferece conselho e orientação aos seus filhos.

Este artigo contém um sumário cumulativo dos principais temas abordados pelos presidentes da Igreja em discursos proferidos nas conferências gerais. O autor reconhece que uma pesquisa histórica deste tipo tem inerentes limitações, mas acredita que a inspiração e o discernimento que provém dessas palavras justificam a sua apresentação.

O *Journal History* da Igreja, escrito pelo profeta Joseph Smith, contém o seguinte comentário datado de 6 de abril de 1833:

"Esta foi a primeira tentativa feita pela Igreja de celebrar seu aniversário e os que não professam nossa fé comentaram o assunto como uma coisa estranha."

Essa conferência à qual "cerca de oitenta oficiais, juntamente com alguns membros, compareceram para receber instruções no serviço de Deus," parece ter dado início à tradição de se promover conferências anuais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no mês de abril.

Naquele dia o Profeta pregou a respeito das "solemnidades da eternidade", incluindo em suas palavras muitos dos temas apresentados por todos os profetas desde então. Na verdade, os assuntos abordados pelo Profeta Joseph Smith têm sido temas da Igreja durante estes 137 anos.

O propósito da conferência anual é melhor definido e expressado nas palavras do presidente David O. McKay:

"Todo o sexto dia de abril as Autoridades Gerais, oficiais e membros da Igreja reúnem-se em conferência geral, para ouvir relatório do progresso da Igreja, apoiar os oficiais, meditar sobre questões pertinentes ao evangelho restaurado e executar o que os representantes da Igreja considerem necessário e útil."

Essas conferências anuais da Igreja têm significado especial. Além de serem promovidas na data da organização da Igreja, seguem também uma norma segundo a qual o presidente, profeta, vidente e revelador transmite uma mensagem importante ao povo. Não raro esse discurso estabelece o tema para as exposições de muitos dos oradores seguintes.

Justificadas por essa prática e situação históricas, é fácil concluir que essas mensagens têm valor significativo e duradouro. O autor é de opinião que a informação acumulada a partir desses discursos anuais indica claramente a sabedoria e a preocupação de nosso Pai Celestial em ajudar seus filhos a descobrir as coisas importantes da vida. Os temas desses discursos agrupados em categorias refletem um esquema propositado — que ressalta as coisas de maior importância em termos de bem-estar humano nesta vida e na outra.

As descobertas da pesquisa na qual este artigo se baseia revelaram 55 temas distintos nos discursos dos Presidentes, proferidos nas Conferências Gerais, desde 1833 até 1962. Alguns desses temas foram repetidos diversas vezes através dos anos. O que aparece com mais frequência foi tratado 48 vezes. Os outros vão desde 47 vezes até uma única abordagem. As primeiras treze categorias, e o número de vezes que aparecem, são as seguintes:

Nota: Outras categorias, como obra missionária, dízimo, palavra de sabedoria, unidade etc., estão incluídos nos temas dos presidentes, mas não são aqui mencionados por terem sido tratados com menor frequência.

N.º de Ordem	Tema	N.º de Vêzes
1.	Crescimento, desenvolvimento, progresso do Reino de Deus	48
2.	Gratidão	47
3.	Preparação pessoal Trabalho Desenvolvimento próprio Independência Fortalecimento do caráter	33
4.	Prestação de Serviço Sacrifício Diligência Dever Dedicação Responsabilidade	32
5.	Obediência Observância dos mandamentos Retidão Apoio aos líderes da Igreja Responsabilidade	28
6.	Oração — espiritualidade	25
7.	Deus, não o homem, controla esta terra e sua Igreja	25
8.	Organização da Igreja, diretrizes e procedimentos (Instrução e orientação)	23
9.	Economia Ordem Unida Programas de bem-estar Dívidas	21
10.	Pais-filhos Relações familiares Família Lar Responsabilidades	19
11.	Amor ao próximo Bondade Perdão Cortesia	19
12.	Natureza do homem Relações humanas Santidade do indivíduo Existência eterna Livre arbítrio	18
13.	Salvação Processo gradual Envolve fé e obras Confiança em Deus	18

O tema mais abordado é o da natureza progressiva e dinâmica do reino de Deus.

A partir de um modesto princípio, a Igreja tem progredido no cumprimento de sua missão de preparar esta terra e seus habitantes para serem governados pelo próprio Salvador como seu Rei. O Presidente George Albert Smith comentou o pequeno início da obra de Deus nos últimos dias com estas palavras:

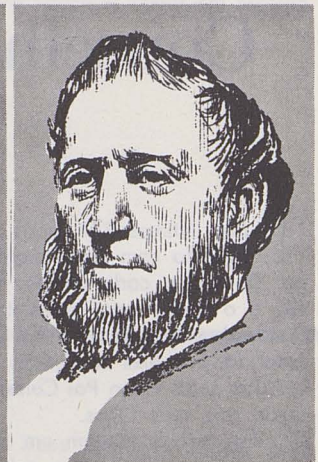
"Havia apenas poucas pessoas na sala quando a Igreja foi organizada e não eram pessoas de muito destaque."

Essa humilde origem foi amparada por um poder destinado a sobrepujar todos os obstáculos. O presidente Joseph F. Smith falou do crescimento silencioso da obra de Deus, à semelhança do fermento, quando disse:

"A mão do Senhor pode não estar visível para todos. Talvez haja muitos que não saibam discernir a vontade de Deus no progresso e desenvolvimento deste grande trabalho dos últimos dias, mas há os que vêm a cada hora e em cada momento de existência da Igreja, desde seu



Joseph Smith



Brigham Young

início até agora, a mão todo-poderosa de Deus, que enviou seu Filho Unigênito ao mundo..."

No dia 6 de abril de 1852, o presidente Brigham Young falou sobre o poder e o destino da obra do Senhor com estas palavras:

"Reunidos neste edifício confortável e cômodo, em paz, não somos levados a exclamar: Quem poderia ter sonhado, quem poderia ter compreendido os caminhos do Senhor, mais altos que os dos homens assim como os céus são mais altos que a terra? Podemos agora refletir calmamente sobre as experiências de nossa vida passada e aqueles que têm a mente aberta à luz e à verdade, que podem contemplar as manifestações do Senhor, podem constatar de imediato que Ele fez o que nós não poderíamos ter realizado pelo nosso próprio poder, e que por trás do que todo o ser humano interpretaria como uma Providência carrancuda muitas vezes ocultam-se as maiores bênçãos que a humanidade poderia desejar. Isso nos ensina a confiar em Deus, esperar nele. Ensina-nos de forma absoluta que não precisamos procurar guiar o navio de Sião ou dirigir, conforme nossa própria sabedoria, o reino de Deus sobre a terra. Isso nos mostra claramente

e de forma enfática que o Todo Poderoso pode fazer a sua própria obra e que nenhum poder humano pode deter a potência da sua mão operadora de maravilhas. Os homens têm a presunção de ditar ordens ao Senhor e nada conseguem, mas sua obra progride com firmeza... Quando o Senhor obra, ninguém pode embarçá-lo, enquanto que aqueles que estão dispostos a praticar a sua palavra obram com Ele; e quando diz: "Cessai", são-lhes sujeitos; ...quando os dirige, dispõem-se a cumprir os seus mandamentos e Ele confere bênçãos sôbre as suas obras; o trabalho do Senhor prospera em suas mãos, seu reino progride num avanço constante e inabalável, os honestos de coração são abençoados e o conjunto permanece em estado de contínuo e rápido crescimento. Deixai então, que o mundo e os inimigos de Cristo e seu reino, sôbre a terra e no inferno, façam o pior ao seu alcance, não importa; a obra do Senhor progride ainda e prospera em suas mãos."

"Se nossos jovens tiverem essa fé (em Deus), e assim se aproximarem do Senhor, existem pelo menos quatro grandes bênçãos que lhes advirão imediatamente. A primeira é a **gratidão**. Suas almas serão cheias de reconhecimento pelo que Deus tem feito por eles. Perceberão que são ricos em bênçãos. O jovem que fecha a porta do seu quarto e baixa as cortinas, para alí, em silêncio, rogar a Deus que o auxilie, deve primeiramente derramar sua alma em gratidão pela saúde que goza, pelos amigos, parentes, pelo evangelho, pelas manifestações da existência de Deus. Em primeiro lugar ele precisa contar suas muitas bênçãos, nomeá-las uma a uma."

O terceiro dos temas mencionados é o **preparo pessoal** através da industriiosidade, do auto-aperfeiçoamento, da independência e do desenvolvimento do caráter.

O presidente Brigham Young caracterizou esta responsabilidade de preparação nas palavras:

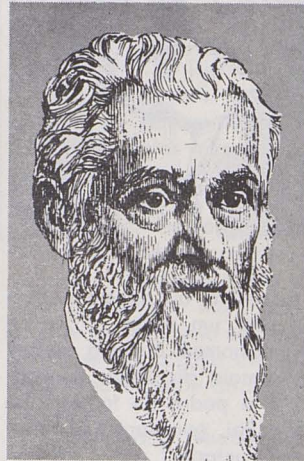
"É dever de um santo de Deus obter tôda a influên-



John Taylor



Wilford Woodruff



Lorenzo Snow



Joseph F. Smith

Que grande privilégio o Senhor concede ao homem quando lhe oferece a oportunidade de ser membro de uma organização caracterizada por tais dimensões — uma obra maravilhosa.

Este primeiro tema é então um convite ao homem para tornar-se participante, ou para lembrá-lo de que já é participante, de uma causa tão grande que ultrapassa a tudo que a sua imaginação possa conceber.

O segundo tema é a **gratidão**. Se existe fator essencial ao progresso espiritual e à felicidade temporal, êsse fator é o sentimento interior de gratidão. Sem esta capacidade de apreciar as coisas ao seu redor, o homem não pode nem ao menos sentir prazer físico. A gratidão, ou o reconhecimento, é componente essencial de tôda a satisfação. É também um requisito da humildade. O caminho da espiritualidade se abre através dêste princípio. Os profetas foram sempre diligentes em conclamar os membros da Igreja a aceitarem a felicidade na vida, cultivando a gratidão em seus corações.

Falando à juventude da Igreja, o presidente David O. McKay ressaltou a importância dêste princípio, com as palavras:

cia possível nesta terra e empregá-la inteiramente para o bem. Se não fôr êste o seu dever, então não compreendo qual possa ser o dever do homem."

A advertência dos profetas é que o homem se prepare para ser capaz de prestar serviço. Portanto, o princípio da **dedicação**, da aplicação prática dêste preparo, foi o tema salientado pelos profetas em quarto lugar entre os mais freqüentes, nas mensagens que dirigiram à conferência geral.

Quanto à nobreza de servir, disse o Presidente Lorenzo Snow:

"Devemos ter um grande desejo de fazer o bem aos outros. Nós próprios não somos tão importantes. A inclinação para o bem nasce de imediato quando não nos concentramos demais em nós mesmos e procuramos tornar os outros mais felizes, aproximá-los um pouco mais do Senhor. Fomos enviados ao mundo para fazer bem ao próximo e, assim fazendo, atraímos o bem a nós próprios."

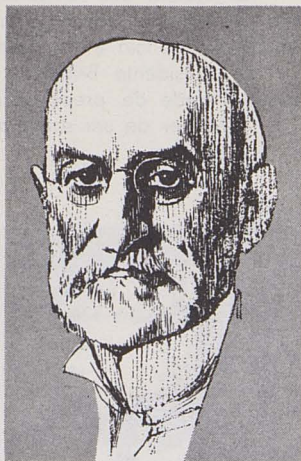
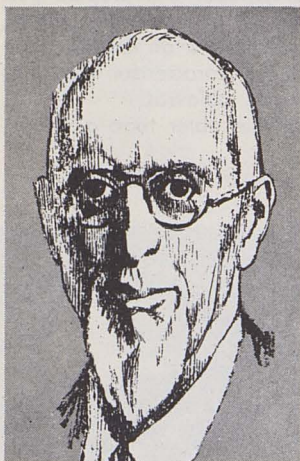
A dedicação não apenas desenvolve o indivíduo, mas fortalece também a organização. Aquêles que servem aos outros se tornam "missionários magnéticos", atraindo seus associados para a causa que representam.

Obediência, o quinto tema, é essencial em tôdas as fases da existência. A ordem, ou o contrôle, é um requisito fundamental para o progresso e a paz. É elemento indispensável nas relações humanas. Confere fôrça ao indivíduo e coesão à organização. A obediência constitui a pedra de toque pela qual se pode identificar os santos de Deus. A êsse respeito comentou o presidente Brigham Young: "um homem pode ter visões, os anjos de Deus podem ministrar-lhe, êle pode ter revelações e ter visões sem conta; pode ter os céus abertos diante de si e ver o dedo do Senhor, e tudo isto não o tornará Presidente

idéia, um único pensamento que desposam; e é impossível divorciá-los disso..."

O tema número sete declara que **Deus, não o homem controla esta terra e sua Igreja**. Uma vez absorvido, êste conceito trará a maior segurança que o homem pode obter na vida. Apesar de a completa segurança não existir no mundo temporal, esta doutrina defendida pelos presidentes se constitui num bom substituto dela.

O oitavo tema diz respeito à **Organização da Igreja, diretrizes e procedimentos**. Isto indica a necessidade de liderança e orientação.



Heber J. Grant

George A. Smith

David O. McKay

da Igreja, nem élder, sumo sacerdote ou apóstolo: nem ao menos isto prova que êle seja um santo... se me perguntarem o que prova que um homem ou uma mulher é santo, eu responderei: Se me amais, diz Jesus, guardareis as minhas palavras. Esta é a pedra de toque. Se amais o Senhor Jesus Cristo, e o Pai, guardareis os mandamentos do Filho — fareis a sua vontade."

Em sexto lugar entre os principais temas abordados pelos presidentes está a conclamação à **espiritualidade**. A oração e a sensibilidade espiritual nutrem o desenvolvimento interior, burilando verdadeiramente o íntimo intangível do homem. Constituem a fonte da reabilitação espiritual, emocional e, de certa forma, física — uma espécie de remédio, tanto preventivo como corretivo. O presidente Wilford Woodruff repetidamente salientou a necessidade de os indivíduos buscarem a orientação do Espírito em suas vidas. Entretanto, os Presidentes da Igreja estão cônscios da possibilidade de ocorrerem desvios nos terrenos espirituais da experiência humana. Por isso, advertem contra as imitações de espiritualidade, como o espiritualismo. Afirmou o presidente Heber J. Grant:

"Os frutos do Evangelho de Jesus Cristo são saúde e vigor do corpo, da mente e do espírito e os frutos do espiritualismo a insanidade e o suicídio."

E o presidente Joseph F. Smith advertiu de forma alegórica contra os perigos da perda daquele equilíbrio e perspectiva que caracterizam a verdadeira espiritualidade:

"...de quando em quando nos deparamos com pessoas inteiramente parciais, só conseguem ver com um olho e assim mesmo com um pequeno canto dêle; que não são capazes de compreender mais que uma única coisa por vez, que escolhem uma determinada mania — uma certa

O crescimento por vêzes dá origem a erros administrativos. Isto está explícito nas palavras do presidente Joseph F. Smith:

"Atravessamos os estágios da irresponsabilidade da infância e da puberdade, e estamos nos aproximando verdadeiramente da condição de plena maturidade em nossa experiência no Evangelho de Jesus Cristo..."

Êste comentário sôbre o crescimento da Igreja como instituição indica que certas coisas são aprendidas por experiência e que os erros que ocorrem no processo de crescimento são essencialmente resultado da falha da necessária compreensão. O presidente Lorenzo Snow aborda o assunto clara e abertamente:

"Tem sido assim na Igreja. Nossos erros surgiram geralmente por nos faltar aquela compreensão que o Senhor requer de nós."

Êste exame dos temas poderia prosseguir com relação aos assuntos seguintes, como economia, relações entre pais e filhos e amor ao próximo. Com respeito ao amor ao próximo, por exemplo, o presidente Joseph F. Smith sugeriu: "procurem o melhor nos homens e tentem construir nêles aquilo que lhes faltar; promovam o bem; apoiem o bem; e falem tão pouco sôbre o mal quanto puderem."

Verdadeiramente os presidentes da Igreja buscaram tocar os corações dos homens, mais do que apenas suas mentes. Apelaram para êles da forma mais básica e funcional. As principais categorias dêste estudo refletem uma seqüência de assuntos religiosos que inspiram o indivíduo a agir. A mão de nosso sábio e amoroso Pai se manifesta através da obra de seu Filho e dos vasos escolhidos pelo Senhor nestes últimos dias — os Presidentes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Os Profetas

Alma Sonne

Assistente do Conselho dos Doze

Discurso Proferido na Conferência Geral de Abril de 1967



Meus irmãos, creio nos profetas." Disse o reverendo Thomas Campbell: "Naquilo em que as escrituras se manifestam, nós nos manifestamos; naquilo em que as escrituras se calam, nós nos calam." Santo Agostinho, que viveu por volta do ano 400 da era cristã, fez uma afirmativa curiosa, quando disse: "Nada se deve aceitar que não seja baseado na autoridade das escrituras."

Essas declarações, percebe-se de imediato, fecham a porta à revelação contínua de Deus e eliminam os santos profetas. Ao contrário desses pontos de vista, a Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias declara a todo o mundo: "Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que Ele revela agora e cremos que Ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus." (Nona Regra de Fé.)

O mundo busca constantemente novo conhecimento, não apenas na ciência, mas também na religião. Esta é a chave do progresso.

O que acarretou a apostasia da Igreja cristã estabelecida por Jesus e os apóstolos foi que as pessoas creram nos profetas mortos e rejeitaram os oráculos vivos. O conhecimento espiritual provém de Deus através de seus profetas.

A antiga Israel foi uma nação de profetas. Estes apareciam de tempos em tempos, segundo a necessidade. Suas mensagens eram importantes, pois eram porta-vozes inspirados do Senhor. Nem sempre eram populares. Frequentemente foram ridicularizados, perseguidos e difamados. Estêvão, o Mártir, em seu último e solene testemunho, disse à multidão: "A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até (os) mataram..." (Atos 7:52.)

Esses servos escolhidos, incompreendidos e caluniados, devotaram-se inteiramente e de forma construtiva à tarefa que lhes foi confiada. Jamais foi uma tarefa fácil. Era um desafio para homens fortes, que colocavam o serviço de Deus acima de todas as aspirações mundanas. Seu objetivo foi sempre o de salvar e fortalecer contra as forças do mal, da desintegração moral e espiritual. Através desses santos homens Deus deu mandamentos a seus filhos. Mas, quase sempre suas palavras foram ignoradas e rejeitadas. Se tivessem sido aceitos e respeitados, o curso da história humana teria mudado. Eles serviram de faróis à geração em que viveram. Quando eram ignorados

e postos de lado por líderes inescrupulosos, como freqüentemente acontecia, a luz se extinguia e as trevas cobriam a terra. Não houve profetas na Idade Média.

As mensagens de Deus a seus filhos são enviadas através de servos escolhidos, os profetas. Esses foram escolhidos antes mesmo de nascer. Traziam uma mensagem divina oportuna e importante. Sempre e onde quer que aparecessem, esses profetas apresentavam evidência da divindade de seu chamado. A espiritualidade é consciência de Deus, consciência do seu lugar e poder no universo. Conhecê-lo é a vida eterna. Quando Israel se achava em sua maré espiritual mais baixa, Elias, um grande profeta, veio em seu socorro e converteu a nação à verdadeira adoração de Jeová. E o povo recebeu confirmação da verdade através de uma manifestação do poder de Deus.

Tenho dito freqüentemente que a história de José do Egito oferece ao mundo a melhor lição de moralidade e vida pura. Deveria ser contada e repetida constantemente a todo o rapaz e moça durante sua adolescência. O exemplo e ensinamento dos profetas nunca será considerado como ultrapassado pelos justos. Cada página da Escritura contém uma orientação para vocês e para mim, ao palmilharmos a estrada da vida. Onde estaríamos hoje se todo o idealismo e a moralidade ensinados pelos profetas se tivessem perdido no anseio de popularidade mundana e terrena? As negociações internacionais e todas as controvérsias que agora se processam, parece-me, estão imbuídas de ambição egoísta. Desejo recordar-lhes que não há lugar para egoísmo no reino de Deus ou no evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Já se disse que Moisés foi o primeiro homem da história a lutar pelos direitos humanos. Libertou os israelitas do jugo egípcio, de suas próprias limitações e ensinou-lhes os fundamentos do bom governo. Lançou as bases da lei e da ordem. Moisés trouxe ao mundo os Dez Mandamentos, que são fundamentais. Trata-se de leis básicas para qualquer sistema de governo já concebido. Violá-los traz desastre e destruição. A estrada da iniquidade começa a ser trilhada quando uma dessas ordens de Deus é violada. "E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face." (Deut. 34:10.)

(Conclui na página 12)

Perdoa-te a Ti Mesmo

Lowell L. Bennion

Um estudante universitário veio à minha sala certa vez, após uma aula, para conversar sobre algo muito importante para ele. Respondeu ao meu cumprimento desanimado e deprimido:

"Se soubesse tudo a meu respeito, não acredito que me deixasse sequer entrar aqui," disse ele. "Cometi todos os pecados da Bíblia, exceto o assassinio. Era adúltero aos 17 anos, bebedor e profanador. Roubei carradas de cereais e arame farpado." Deteve-se. "Que pensa de mim agora?"

"Deus ama o homem honesto," disse eu. "Diga-me, você está roubando e vivendo em adultério agora?"

"Não", respondeu rapidamente. "Fui convertido a Cristo pouco tempo atrás. Isso me deu forças para vencer os piores pecados. Mas eles continuam permanentemente comigo. Como pode uma pessoa esquecer seus pecados? Como consegue pelo menos tirá-los da cabeça, para dedicar-se ao trabalho que tem à frente "

Enquanto o rapaz falava, vieram-me à mente as palavras de Shakespeare:

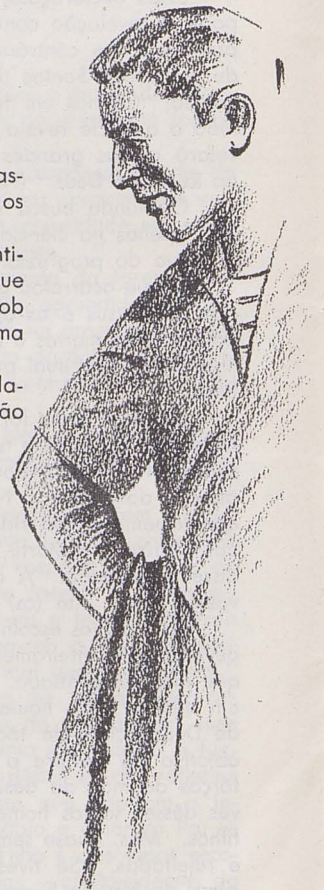
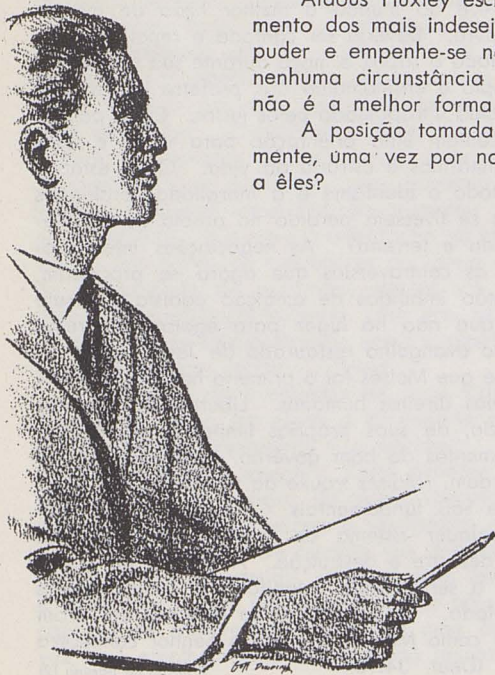
Poderíeis, acaso, pensar a mente enfêrma,
Arrancar da memória uma aflição arraigada,
Apagar os tormentos no cérebro impressos,
E com algum doce antídoto de esquecimento
Expurgar o seio repleto do perigoso elemento
Que sobre o coração humano pesa?"

(Macbeth, Ato V, Cena 3)

O que dizer para aliviar-lhe a carga, para livrá-lo do remorso do passado, libertá-lo a fim de viver produtiva e integralmente no presente, com os plenos poderes da mente e do coração?

Aldous Huxley escreveu certa vez: "O remorso crônico... é um sentimento dos mais indesejáveis. Se portou-se mal, arrepende-se, corrija o que puder e empenhe-se na tarefa de portar-se melhor da próxima vez. Sob nenhuma circunstância ponha-se a remoer seus erros. Espojar-se na lama não é a melhor forma de se limpar." (*Admirável Mundo Novo*, prefácio).

A posição tomada por Huxley faz sentido. Por que ser vencido duplamente, uma vez por nossos erros e outra pela atitude adotada com relação a eles?



Matthew Cowley, um homem que amava os pecadores e dedicou muito tempo a eles disse certa vez: "O homem é maior que todos os seus pecados." Isto é muitas vezes esquecido pela pessoa cuja consciência está perturbada por pecados sérios. Os erros lhe distorcem a perspectiva. Todas as suas virtudes, bons atos e força, que na verdade pesam mais e são mais numerosos que seus pecados, parecem ficar obscurecidos.

Quando agimos mal ou erramos, abalamos amizades preciosas. Fazemos com que Deus e Cristo sofram por causa do que o pecado causa a nós e aos outros. Temos então a tendência de escapar da vida com um sentimento de culpa e alienação; e, o que é pior, tornamo-nos estranhos a nós mesmos, diminuindo assim nosso sentimento de respeito próprio e distorcendo a imagem que temos de nossa própria identidade. O indivíduo põe-se a perguntar: "Quem sou eu — a pessoa que gostaria de ser ou a que tenho sido"

Para ajudar-nos a responder esta pergunta, precisamos compreender três relacionamentos diferentes: nossas relações com Deus, com o próximo e conosco mesmos. Se todas estas puderem ser restauradas e enriquecidas, a batalha contra nossos erros passados terá sido ganha. A vida pode começar outra vez, com nova mente e novo coração.

Qualquer pessoa que crê em Deus fica, é natural, envergonhada quando viola suas leis. E apesar de se arrepender, pode continuar a sentir remorsos e estranheza. Mas consideremos por um momento como se sente Deus em relação ao homem, como pecador arrependido.

Após ter chamado com firmeza o seu povo ao arrependimento, proclamando-o a tornar-se limpo e praticar o bem, Isaías acrescentou: "...ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, tornar-se-ão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmezim, tornar-se-ão como a branca lã." (Isaías 1:18.)

O profeta Ezequiel, em termos muito explícitos, retrata os sentimentos do Criador em relação ao penitente:

"Mas se o ímpio se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer juízo e justiça, certamente viverá; não morrerá.

"De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou viverá.

"Desejaria eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová; não desejo antes que se converta dos seus caminhos e viva?" (Ezequiel 18:21-23.)

E numa conhecida revelação moderna, o Senhor declara:

"Pois Eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância.

"Entretanto, aquele que se arrepender e fizer a vontade do Senhor será perdoado." (D. & C. 1:31-32.)

O bom Deus tem um único interesse em relação ao homem. Que ele encontre alegria — a alegria que provém da realização plena de sua própria natureza como ser humano e como filho de Deus. Quando praticamos o mal, nosso Pai sofre, porque nos ama e não deseja ver-nos destruir a nós mesmos. Quando temos o bom senso de nos arrependermos e vivermos em harmonia com as leis da vida, que promovem o progresso e a alegria, Deus também se rejubila.

Este fato é retratado de maneira muito bela nas parábolas de Cristo. Nessas maravilhosas histórias são explicados o grande amor do Pai pelo pecador e seu júbilo

pela pessoa que "cai em si". Em Lucas, capítulo 15, Jesus apresenta três parábolas intimamente ligadas: A da Ovelha Perdida, a da Dracma Perdida e a do Filho Pródigo. Leiam-nas!

Na primeira o pastor deixa as noventa e nove e sai atrás da ovelha que está perdida até encontrá-la e então, em júbilo, trá-la de volta sobre os ombros.

E Jesus conclui dizendo:

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrependa, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. (Lucas 15:7.)

Na segunda parábola uma mulher, tendo perdido uma das dez moedas de prata, acende a candeia, varre e procura até que, jubilante, a encontra. E Jesus disse:

"Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende." (Lucas 15:10.)

Na terceira e mais bela parábola o filho mais jovem reclama sua herança e a esbanja em terra estranha, numa vida desregrada. Reconhecendo sua própria estultice, retorna a casa, rogando o perdão de seu pai.

"...Mas quando ainda estava longe, viu-o seu pai e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou."

Regosijando-se, o pai celebrou o arrependimento de seu filho e seu retorno. E por que? "Porque este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado..." (Lucas 15:24.) Duas vezes Jesus repete estas palavras. Nada mais importa ao pai. Os erros passados e as dores estão esquecidos. "Este meu filho está vivo outra vez."

A atitude deste pai terreno retrata de certa forma os sentimentos de nosso Pai Celestial para com o filho transviado e seu regosijo por sua volta. Se mães e pais humanos sabem perdoar, quanto mais não saberão aqueles cujo maior dos atributos é o amor divino!

Quando pecamos, quase sempre envolvemos a outros — aqueles contra quem pecamos e os que nos amam e se entristecem quando sofremos as consequências do mal. Tenho observado que a maioria das pessoas ficam satisfeitas por perdoar uma ofensa, quando o ofensor está obviamente arrependido e penitente. Na verdade, muitas pessoas perdoam, seja ou não feita a reparação. Os homens que têm verdadeiro amor perdoam, mesmo que não haja arrependimento. Mas se o próximo se recusa a perdoar-nos, mesmo depois de termos feito todo o possível para corrigir o mal contra ele praticado, isto é privilégio e responsabilidade dêle. A nossa responsabilidade termina com o pleno arrependimento. Se não pudermos emendar um erro cometido contra alguém, devemos então servir a outra pessoa e, sem pensar em recompensa, contribuir para o melhor na vida.

Devido ao fato de as recordações o magoarem, a tarefa mais árdua do pecador arrependido é perdoar a si mesmo. Como "arrancar da mente uma aflição arraigada?" Esta é uma tarefa difícilíssima.

Assim como o sol dispersa a escuridão da noite, uma das formas de expulsar e sobrepujar as lembranças do passado é substituí-las com a satisfação do presente. Muitas pessoas da história cristã sobrepujaram a tristeza por seu passado, aprendendo a seguir Jesus no momento presente. O Salvador disse certa vez a uma mulher:

"Os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou;..."

"E disse à mulher: A tua fé te salvou: vai-te em paz." (Lucas 7:47, 50.)

E o apóstolo Paulo declarou: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem." (Rom. 12:21.) O mal não é necessariamente sobrepujado através de luta aberta. Meditar sobre o erro pode torná-lo indelével na mente, mas pensar e praticar o bem desaloja o mal e sua lembrança. Apesar de se tratar de um processo gradual, o pensamento dinâmico e produtivo acabará vencendo.

Por vezes tentar simplesmente apagar as lembranças não satisfaz; pode parecer quase uma desonestidade — como varrer a sujeira para baixo do tapete. Às vezes se necessita de algo mais. Mas a verdade é que uma pessoa **pode** mudar completamente o passado. Como? Não se pode apagar um ato cometido ou uma palavra externada e o que está feito está feito. Contudo, em todos os dias que vive, a pessoa muda seu passado. Diariamente, e mesmo a cada momento, a pessoa empresta do futuro para construir e ampliar o passado. Este está constantemente em evolução, ampliando-se e expandindo-se. Cada novo dia representa uma tarefa diferente; cada evento altera o significado e a importância da vida.

Aristóteles disse: "O todo é maior do que as suas partes." Um corpo humano é mais do que a soma de suas partes. Um braço é uma coisa dependurada numa parede e outra quando integra um corpo dirigido por uma mente. O mesmo sucede com nossos pecados. Quando considerados em isolado, tendem a se fixar em nossa mente. Portanto, quando sua memória ainda está viva e recente, consomem grande parte de nossas vidas. Mas à medida que acumulamos atos e pensamentos positivos e saudáveis, nossos pecados se tornam parte cada vez menor de nosso ser total.

O estudante mencionado no início deste artigo era um adolescente desesperado. Hoje é excelente marido e pai devotado, que tem dedicado sua força e energia ao serviço inteligente de Deus e de seu semelhante.

Aos 18 anos os pecados que cometera representavam grande parte de sua vida, mas a cada ano vão-se tornando menores na realidade total de seu ser. A influência para o mal que representava em sua juventude está diminuindo na proporção direta com que aumenta sua influência para o bem entre os homens.

Certa vez observei uma casa em construção. Devido aos tijolos pouco atrativos e ao quintal atravancado, tive-a em conta de um projeto sem graça, no todo. Mas,

voltando ao lugar algum tempo depois, vi que os tijolos eram agora parte de um projeto agradável, que deixava entrever na luz de suas janelas uma família feliz. A vida pode ser feita num determinado momento, mas no dia em que o arrependimento conduz a pessoa a um viver correto, a beleza, a bondade, a humildade e a força começam penetrar nela. Mesmo o mal que antes existia contribui para que o indivíduo tenha mais compaixão e compreensão para com os outros pecadores, sentindo o desejo de ajudá-los a transformar-se, para viver em harmonia com a vida e com Deus. O pecador verdadeiramente penitente, crendo no amor e na graça de Deus, pode aceitar-se novamente. Não é mais um pecador, um fracassado, pois pode agora pensar em si mesmo com respeito e pronunciar seu próprio nome em paz. Ele "caiu em si." E isto é o que realmente importa.

Alma, o Môço, é um exemplo clássico do pecador arrependido. Da mesma forma que o filho pródigo, atingiu as profundezas da vida pecaminosa. De seu estado de espírito escreveu êle:

"Sim, lembrei-me de todos os meus pecados e iniquidades, pelos quais me via atormentado com as penas do inferno; sim, vi que me havia rebelado contra Deus, e que não havia guardado seus santos mandamentos.

"E aconteceu que, enquanto eu estava sendo assim atormentado e perturbado com a lembrança de tantos pecados, eis que me lembrei também de ter ouvido meu pai profetizar ao povo sobre a vinda de Jesus Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo.

"E tendo fixado minha mente nesse pensamento, clamei em meu coração: ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pois que sinto o fel da amargura e estou atado com as eternas correntes da morte.

"E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

"E que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor." (Alma 36:13,17-21.)

Tal é a alegria do arrependimento. Alma presta testemunho do poder do Espírito de Cristo de apagar "a lembrança dos pecados do pensamento" de uma hora para a outra. Como ministro de Cristo, sua própria vida de humildade, amor e diligência é um testemunho vivo de que uma pessoa pode perdoar a si mesma e ser inteiramente aceita por Cristo.



Os Profetas

(Conclusão da página 9)

Como os profetas de antanho, Joseph Smith, o moderno profeta, recebeu visões, revelações, previu o futuro e interpretou as Escrituras. A Igreja não teria existido sem um profeta. Não poderia ter havido restauração sem esses santos homens que falaram segundo as manifestações do Espírito Santo. O poder e a compreensão que possuíam ultrapassa nosso entendimento finito.

Enxergaram através do véu que separa o mundo visível do invisível. Tivesse faltado a Joseph Smith o discernimento, o poder e o esclarecimento que obteve através

do chamado profético, o Livro de Mórmon não teria vindo à luz.

Sem as visões de Moisés e Elias, não haveria a coligação de Israel e o programa de construção de templos, característico da Igreja, não seria iniciado. A existência desses templos nos Estados Unidos, no Canadá, na Europa e nas ilhas do mar é um testemunho solene da sinceridade da convicção e da fé firme dos santos dos últimos dias.

Creio nos profetas, modernos e antigos. Temos ouvido suas palavras durante esta conferência. Que possamos recordá-las e guardar os santos mandamentos transmitidos por Deus através deles eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sacerdócio, a Responsabilidade de Agir

Esta era a segunda vez que Jonas perdia a reunião do sacerdócio em um mês e meio, desde que fôra ordenado diácono. Por que não teria vindo? Seria em parte devido a suas amizades na escola? Ou a verdadeira razão seria o fato de êle ainda não compreender realmente a grande responsabilidade que tinha como portador do sacerdócio?

Ciro era presidente do quorum de diáconos há vários meses. Esses pensamentos iam e vinham em sua mente enquanto esperava Décio e José, seus conselheiros, Ivan, o secretário, e o irmão Maurício do bispado, para a reunião da presidência do quorum.

Seu quorum estava saindo-se muito bem. Contudo, Ciro percebia que grande parte dêsse sucesso se devia ao fato de a maioria dos membros do grupo terem pais que conheciam a responsabilidade de seus filhos como portadores do sacerdócio e os apoiavam plenamente.

Entretanto, com Jonas era um pouquinho diferente. Seu lar não era muito ligado à Igreja, como o dos demais e suas amizades na escola não faziam parte do quorum. Assim sendo, Ciro começou a perceber o que o bispo queria dizer quando o aconselhou a respeito da responsabilidade que o Senhor havia colocado sobre êle como presidente do quorum.

Exatamente nessa hora o irmão Maurício entrou na capela e atrás dêle os outros. Foram para uma sala isolada e a reunião começou. Foi Ciro quem a dirigiu. A presidência planejou as incumbências do quorum para a semana seguinte, depois analisou a atuação de todos os seus membros. Principiaram por si mesmos, avaliando sua própria atividade, depois a dos demais membros do quorum, com respeito ao cumprimento de designações, comparecimento e leitura e memorização de escrituras. Quando chegaram ao nome de Jonas, Ciro comentou: "Fiquei meio preocupado quando vi que Jonas não estava na reunião do sacerdócio esta manhã. É a segunda vez que falta desde que passou a fazer parte do quorum, há pouco mais de um mês. Estive pensando que precisamos procurar ajudá-lo imediatamente."

"Eu o vi esta tarde", comentou José. "Disse que não conseguiu se levantar cedo de manhã."

Irmão Maurício, que estivera ouvindo atentamente e

em silêncio enquanto a presidência conduzia eficientemente os trabalhos, comentou: "Sou da mesma opinião que Ciro; acho que temos uma grande responsabilidade com Jonas." Depois, sàbiamente, deixou a solução com os rapazes: "O que vocês acham que a presidência do quorum pode fazer, para auxiliá-lo a compreender a responsabilidade e a bênção que o sacerdócio representa?"

Décio disse: "Acho que nenhum de nós conhece Jonas muito bem. Apesar de êle ser da ala, não somos muito chegados na escola. Talvez a gente possa convidá-lo a praticar esportes conosco. Ou a participar do acampamento escoteiro que será promovido no próximo mês. Isso poderá auxiliá-lo a sentir-se mais integrado conosco."

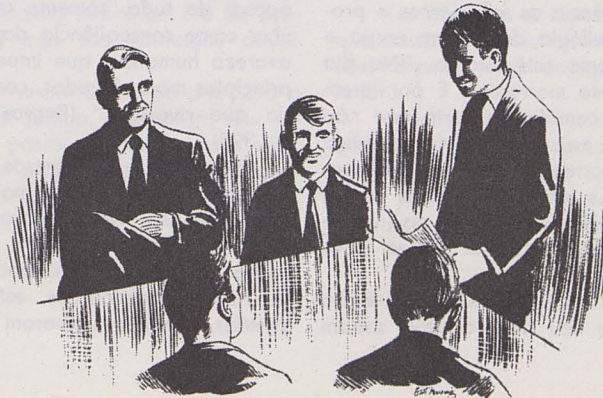
José concordou imediatamente.

Ciro disse depois: "Estou com você. Não podemos nos esquecer de fazer isso e precisamos começar imediatamente. Mas creio que precisamos abordá-lo de modo a fazer com que sinta desejo de tomar parte ativa no sacerdócio. E acho que a única forma de fazer isto é ajudá-lo a reconhecer quão importante é o sacerdócio que possui e quão grande é a sua responsabilidade. Irmão Maurício, o senhor tem alguma sugestão sobre a melhor forma de o conseguirmos?"

O irmão Maurício sorriu e disse: "Acho que vocês raciocinaram muito bem. Talvez o manual nos possa fornecer alguma sugestão com respeito a Jonas."

Então Ciro replicou: "Claro! Já sei do que o senhor está falando, irmão Maurício. Por que não pensei nisso antes?" Abriu o manual rapidamente na seção de obrigações das presidências de quoruns de diáconos e disse: "Aqui está. Ouçam — parece que isto aqui responde em parte nossa pergunta: "Reúnam-se com cada diácono recém-ordenado e expliquem-lhe as responsabilidades do diácono e suas oportunidades de exercer o sacerdócio. Consigam que êle se comprometa a cumprir seu dever e a guardar os padrões da Igreja, após os repassarem com êle' Temos negligenciado esta nossa responsabilidade."

"Vejam os que é possível fazer no caso de Jonas. Se o convidarmos para nossa próxima reunião de presidência e lhe explicarmos as responsabilidades e oportunidades que possui como portador do sacerdócio e depois o levarmos a prometer cumprir seu dever, êle não se es-



quecerá. Isto também aumentará nossa responsabilidade como presidência, de nos comportarmos de forma tal que Jonas e os outros membros do quorum percebam que nós também nos comprometemos a guardar os padrões da Igreja da mesma forma que eles."

"Acho que nosso quorum vai ser muito melhor depois desta reunião", disse irmão Maurício. "O que planejam fazer durante esta semana para ajudar Jonas a sentir-se mais integrado em nosso grupo?"

"Acho que podemos procurá-lo ainda hoje e marcar com ele uma reunião para uma noite da semana", replicou Ciro. "Irmão Maurício, o senhor pode sugerir a forma de dirigir a entrevista?"

"Certamente", concordou Irmão Maurício. "Estava também imaginando se vocês não gostariam que a aula do sacerdócio no próximo domingo se concentrasse no tema da responsabilidade daquele que o possui."

"Acho isso ótimo", disse Ciro entusiasmado. "E eu designarei dois membros do quorum para falar alguns minutos sobre suas responsabilidades."

José acrescentou: "Meu pai é o mestre familiar incumbido de visitar a família de Jonas. Sugerirei que ele fale sobre o assunto em sua próxima visita."

A reunião prosseguiu, estabelecendo-se os detalhes e designações a serem feitas. Depois encerraram rogando ao Senhor que amparasse o quorum e abençoasse a cada membro — particularmente Jonas.

O grupo saiu da capela em direção a casa. Ciro resolveu seguir o caminho mais longo e passar pela casa de Jonas, a fim de marcar a data da entrevista. Viu Jonas no quintal e foi ao seu encontro. Os dois rapazes conversaram durante algum tempo. Assim começaram a sentir a cálida fraternidade do sacerdócio.

Quando Ciro saiu da casa de Jonas, sentiu que naquela noite a presidência havia dado um bom passo no sentido de ajudar um de seus membros a compreender que o sacerdócio não é apenas a autoridade de agir em nome de Deus, mas também a **responsabilidade** de agir em seu nome.

Mordomia

Constantino Paschoal

Desde o princípio do mundo estabeleceu Deus um plano de vida que colocava o homem sob a sua tutela. Quanta beleza e harmonia teria existido nesse plano concebido pelo Criador: "E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no Jardim para o lavar e guardar, e ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do Jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres certamente morrerás." Assim, desde o princípio tornou-se o homem dispenseiro e mordomo dos bens de Deus.

Não foi pôsto o homem no Jardim do Éden como dono, mas como administrador e mordomo, como implicam as palavras **lavar** e **guardar**. Quiz Deus que sempre soubesse o homem que o dono do Jardim era o Senhor. Aquêles eram os seus domínios, pelo que reservou para si uma árvore ordenando ao homem que nela não tocasse, e na sua imensa sabedoria plantou essa árvore no meio do Jardim, para que o homem pudesse vê-la de onde estivesse, e toda vez que a visse, recordasse, que o Senhor dali era Deus, a quem pertencia o Jardim.

Mas desobedeceu o homem ao Senhor seu Deus, atraindo sobre si e sua descendência os sofrimentos e provações que acompanham o privilégio de ter um corpo e deixar semente, e a morte, como está escrito: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás." E por terem assim, desobedecido a Deus, e comido da parte que não lhes pertencia, foram os nossos pais banidos da presença do Senhor. Abrindo-lhes as portas do Jardim, ordenou-lhes o Senhor: "Ide, frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todo o animal que se move sobre a terra." (Gên. 1:28).

Tendo recebido das mãos de Deus domínio e sujeição sobre a terra, no exercício do seu livre arbítrio saíram

os homens a submeter a natureza com as obras das suas mãos e do seu conhecimento, valendo-se de inventos e engenhos de toda a sorte. Ensoberbeceram-se pois, esquecidos de que eram simples mordomos de Deus, e de que tudo quanto possuíam, até mesmo a vida, pertencia ao Criador de todas as coisas, e tornaram-se desobedientes à Lei.

Tivesse a humanidade compreendido e aceitado a sua posição como mordomos fiéis do Senhor, e tivesse dominado usando os seus poderes dentro da esfera da mordomia divina, em benefício de todos os homens, não nos pesaria sobre os ombros os males que hoje suportamos. Pressionam-nos as forças do bem e do mal; por um lado, aquêles que confiam em Deus lutam pela retidão e justiça, respeitando os sagrados princípios que constituem a base da felicidade e do bem estar de cada povo ou nação, e por outro lado, aquêles destituídos de fé, combatem os princípios da lei e da justiça, assumindo o poder pela força e pelo terror, cujos frutos estamos fartos de ver. Dêstes requererá o Senhor prestação de contas no dia do Juízo, porque não cumpriram o seu dever.

"A Lei do Dízimo que a Igreja observa atualmente, é, apesar de tudo, somente uma lei menor, dada pelo Senhor como consequência das debilidades, inveja, cobiça e avareza humanas, que impediram os santos de aceitar os princípios mais elevados, conforme os quais o Senhor queria que vissemos." (Regras de Fé, James A. Talmage, p. 395).

Uma vez que os nossos antepassados não se elevaram à dignidade de viver o maior mandamento de Consagração, cabe-nos vivê-lo agora sob a forma menor de lei: o Dízimo, porque não consta que Deus, nosso Pai e Criador tenha abdicado o seu poder, e suas leis são imutáveis. Se houve modificações, estas foram ditadas pelos maus cristãos, que não souberam viver com dignidade.



JUVENTUDE DA PROMESSA

Esforçai-vos e animai-vos; não temais, nem vos espanteis... porque o Senhor teu Deus é que vai contigo: não te deixará nem te desampará.

— Deuteronômio 31:6

Você já sonhou ser um grande herói, penetrar os céus e explorar um novo planeta ou mergulhar até o fundo do mar a procura de plantas e animais raros, enfim, conquistar o desconhecido?

Todos nós temos esses sonhos, mas para torná-los realidade precisamos esforçar-nos constantemente. O herói necessita de coragem e a coragem tem um começo pequenino, mas cresce com cada decisão sábia ou ato de bravura. Ninguém nasce herói mas são formados pouco a pouco.

Os astronautas não se tornaram heróis do dia para a noite. Estudaram muito e com afinco. Venceram seus temores, pequenos e grandes, passo a passo e labutaram muito. Diversas vezes ficaram amedrontados; mas pensaram com firmeza, olharam para a frente e nessa direção seguiram.

É preciso coragem para executar as tarefas diárias, mas que sensação de alegria nos domina quando as realizamos bem e com presteza!

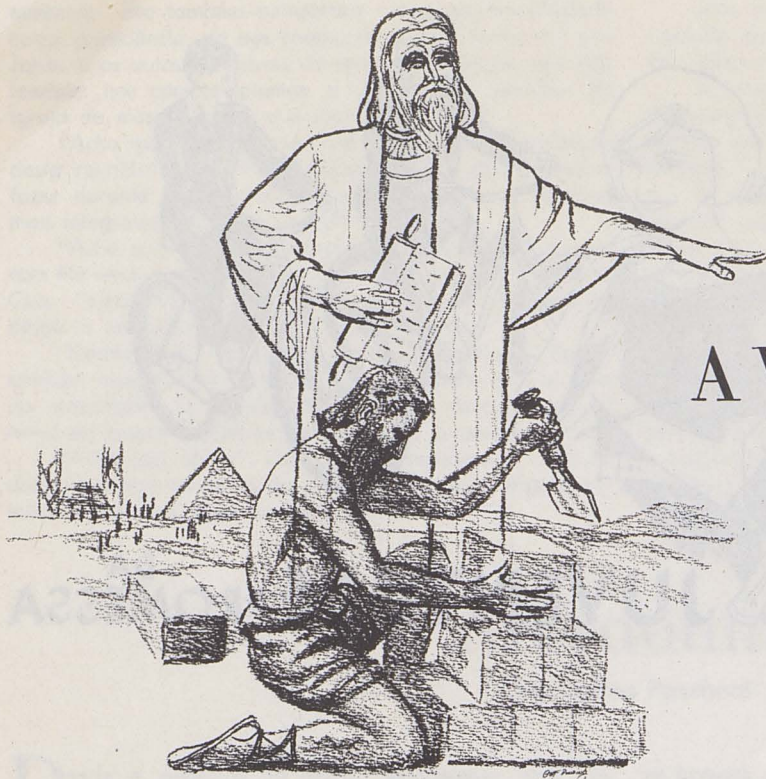
Que é coragem?

Certa vez um grande general disse que o homem valente não é o que nunca sente medo, mas o que avança a despeito do medo.

Ter coragem é dominar o temor. Se tivermos fé de que nosso Pai Celestial está sempre próximo para auxiliarnos, teremos força de agir bem e encontraremos paz interior.

Se conseguirmos ter a coragem de fazer as coisas pequeninas, dia a dia, ganharemos força para as maiores; pois a coragem cresce como a planta, um pouquinho de cada vez, até tornar-se forte e suportar os ventos e tormentas que procuram destruí-la.

Jessie Arrowsmith



A Vida de Josué

Excertos de um Discurso de
John H. Vandenberg

Uma de minhas personalidades favoritas nas escrituras é Josué. Eis aí um homem por quem creio que todos poderiam se nortear, pois êle procurou e encontrou os verdadeiros valôres da vida. Viveu cêrca de 110 anos e creio que sua maior realização ocorreu no fim dos seus dias, quando reuniu todos os anciãos de Israel e relembrou-lhes a bondade de Deus. E, como tinha experiência e uma estreita ligação com o Pai, sabia do que falava. Após recordar tôdas as bênçãos concedidas às pessoas em particular e à Casa de Israel, concluiu com êste fêcho de ouro:

"Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais que estavam além do rio ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor. (Josué 24:15.)

Esta havia sido a escolha de Josué por tôda a vida.

Sua afirmativa convicta, creio, fêz com que Israel inteira respondesse, dizendo:

"...Nunca nos aconteça que deixemos ao Senhor para servirmos a outros deuses;" (Josué 24:16.)

Quando jovem, Josué fôra escravo nas olarias do Egito. Tinha evidentemente estreita ligação com Moisés e testemunhou a fôrça que havia naquele homem. Presenciou tôdas as pragas e a disputa de Moisés com Faraó, na luta para quebrar as cadeias da servidão, a fim de que Israel pudesse ser livre novamente. Testemunhou tudo isso. Era servo de Moisés. Palmilhou com êle parte do caminho na montanha, quando o profeta subiu ao encontro do Senhor para receber os mandamentos e convênios para o povo de Israel. Suponho que tenha também presen-

ciado sua decepção ao regressar ao meio do povo e descobrir que tão depressa se desviavam do bom caminho. Testemunhou o abrir do Mar Vermelho — contemplou pessoalmente as águas abertas e os filhos de Israel atravessando a pé enxuto.

Era agora um dos poucos sobreviventes dos que haviam iniciado essa longa jornada. Certo dia ouviu uma voz que dizia: Josué, "Moisés, meu servo é morto: levanta-te pois agora..." E quando estavam na margem do Rio Jordão, o Senhor indicou: "...Passa êste Jordão, tu e todo êste povo, à terra que eu dou aos filhos d'Israel." (Josué 1:2.) "Esforça-te e tem bom ânimo... Tão somente esforça-te... para teres o cuidado de fazer conforme a tôda a lei que meu servo Moisés te ordenou... porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares." (Josué 1:6-7, 9.)

Tinha estreita comunhão com Deus nessa grande obra de conduzir os filhos de Israel à terra que lhes havia sido prometida. Suponho que lhe tenha ocorrido então a pergunta: "Como cruzaremos o rio?" Pois suas margens estavam inundadas. O Senhor lhe disse então o que fazer:

"E o Senhor disse a Josué: Êste dia começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que assim como fui com Moisés assim serei contigo.

"Tu pois ordenarás aos sacerdotes que levam a arca do concôrto, dizendo: Quando vierdes até a borda das águas do Jordão, parareis no Jordão." (Josué 3:7-8.)

Quando seus pés tocassem as águas do Jordão, o rio secaria. Na verdade, está escrito que as águas "levantaram-se num montão". É difícil imaginar a forma

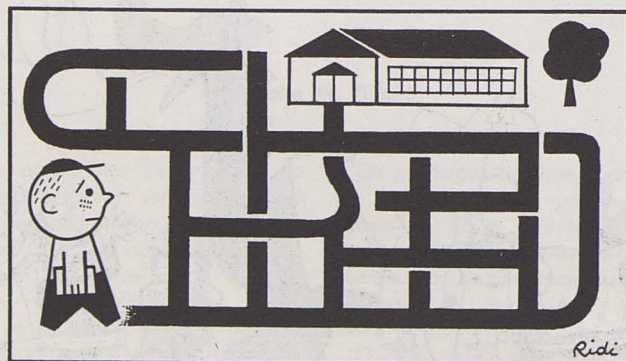
(Conclui na página 24)

O Que Está Vendo o Cãozinho



Que estranha criatura é esta que está assustando o cãozinho? Ligue os pontos e veja por si mesmo.

Primeiro Dia de Escola



Zêquinha está indo à escola pela primeira vez, de modo que não quer se perder no caminho. Você quer mostrar-lhe o caminho?

Um Perito em Dragões

Margery S. Cannon

Pierre, o príncipezinho, correu para a sala do trono e puxou o manto do Rei. "Papá, o senhor precisa saber! Há um grande, um enorme dragão na Colina Montemarte..."

"Você disse um dragão?" perguntou o Rei.

"Um enorme dragão?" inquiriu a Rainha.

"Ouí", disse Pierre, "achei que o senhor precisava saber que o dragão está cuspidando fogo na Colina Montemarte..."

Mas antes que o Príncipe pudesse acabar de contar o que sabia sobre o dragão, todos ficaram em pânico e começaram a correr em busca de socorro.

O guarda do portão do castelo espiou pela fechadura.

As damas de companhia olharam pelo pórtico.

A Rainha no parlatório escondeu-se atrás dos reposteiros.

O Rei em seu trono conclamou os soldados.

E o Príncipezinho Pierre disse: "Por favor, esperem um pouco. Quero contar uma coisa sobre o dragão da colina..."

Mas não houve jeito. Ninguém esperou para ouvir o que Príncipe Pierre tinha a dizer. Afinal, ele não passava de um meninozinho e o que podiam os meninozinhos saber sobre dragões?



O guarda do portão do castelo carregou sua arma.

As damas de companhia prepararam-se para correr.

A Rainha se arrastou pelo chão, evitando-se em baixo do leito real.

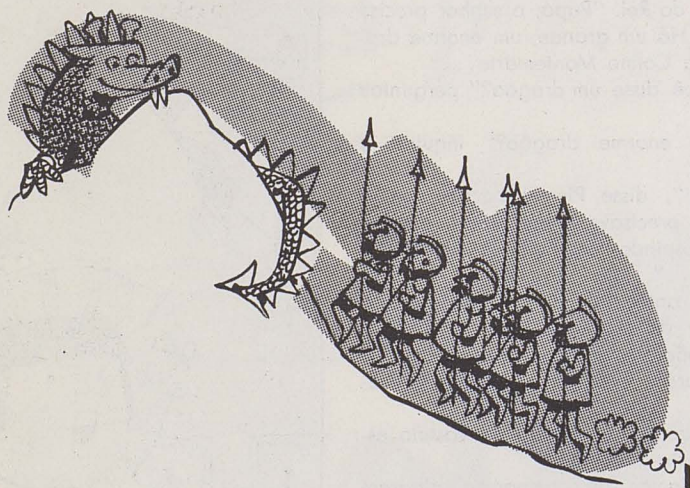
O Rei pediu sua armadura e um elmo para a cabeça.

O pequeno Príncipe Pierre suspirou: "Por favor, esperem só um minuto. Quero dizer uma coisa que sei..."

Mas ninguém parou para ouvir o que ele tinha a dizer. Afinal não passava de um meninozinho e o que po-

com seu segredo. "Gostaria... ah, como eu gostaria que eles me ouvissem. Tenho uma coisa tão importante para dizer!"

Logo o Rei e seus homens chegavam ao topo da colina. Jatos de fogo jorraram da boca do dragão quando os viu e ele procurou esconder-se na fumaça. O Rei ordenou que suas tropas entrassem em formação de batalha. Quando a fumaça começou a clarear e o dragão tomou forma novamente, o Rei ordenou ao exército: "Sentido! Apontar!"



diam os meninozinhos saber sobre dragões?

Príncipe Pierre correu para seus aposentos e mexeu nas estantes do armário. Atirou de lado a lança e a espada de brinquedo, apanhando uma pequena caixa. Depois correu pelos corredores do castelo, escapou pela porta, atravessou o portão e seguiu para a Colina Montemarte.

O Rei da França subia a colina com quarenta mil homens.

E Pierre caminhou em silêncio atrás deles, apalpando a caixa no bolso,

"Esperem!" gritou o Príncipezinho, abrindo caminho até o dragão e dependurando-se em seu pescoço escamoso. "Por favor, esperem um minuto. Tenho algo importante para dizer."

O Rei ordenou e os soldados baixaram suas armas.

"Por favor não atirem neste dragão", suplicou o Príncipe Pierre. "Ele parece muito terrível, mas não passa de um dragão bonzinho. O que ele quer é um curativo na pata."

"Um curativo na pata?" perguntou o Rei espantado.

"Oui, Papa", apressou-se Pierre a responder, enquanto levantava a pata direita dianteira do dragão, de forma que todos pudessem ver a enorme bôlha. "Ele apanhou um resfriado lá no norte. E quando quis cobrir um espirro com a pata, queimou-se. Eu quis contar a vocês, mas ninguém me ouviu."

Então o Príncipe Pierre puxou a caixinha do bolso, abriu-a e tirou um curativo. Cuidadosamente prendeu-o sobre a bôlha na pata do dragão.

"Ele precisava apenas de um curativo e um bom lugar para viver, que seja quente e cheio de sol."

De repente os olhos do Príncipe Pierre iluminaram-se como se alguém tivesse ligado a luz. "Papa, por que não podemos deixá-lo ficar aqui, guardando a Colina Montemarte? Ele parece tão mau e terrível que serviria de muito maior proteção que uma

centena de soldados. Ele pode também enviar sinais de fumaça."

A modéstia impedia o dragão de erguer as pálpebras um pouquinho que fosse, mas ele deu um jeito de soltar um bocêjo para mostrar seu equipamento de fogo.

"Uma excelente sugestão. meu filho", disse o Rei, "com um dragão guardando o monte não mais terei que me aborrecer."

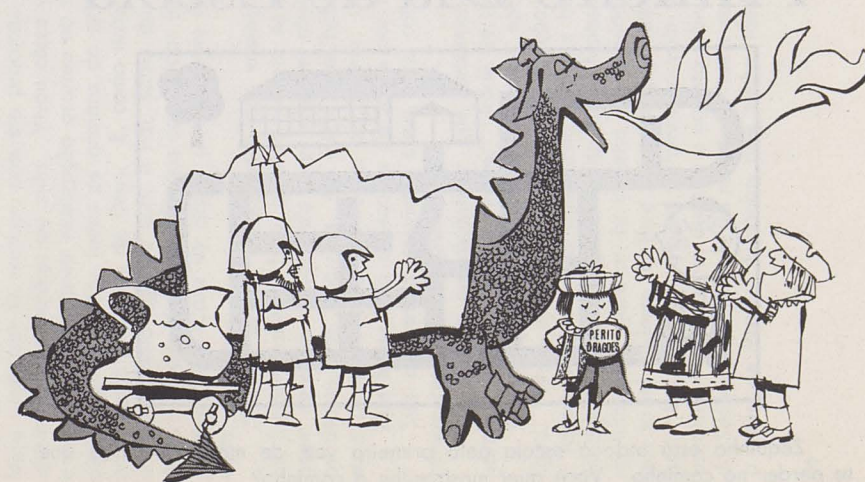
Assim, o Rei da França desceu do monte e ali não mais subiu.

A Rainha da França enviou limonada quente e pílulas.

As damas de companhia puseram-se a trabalhar num casaco de lã para o dragão.

A guarda do castelo agora podia ficar apenas à espera de sinais de fumaça.

E o Príncipe Pierre tornou-se conhecido na região como o mais destacado perito em dragões.



Você Sabia?

Murray T. Pringle

Você sabia que os ovos de avestruz são chamados "barris africanos de chuva" devido ao estranho uso que dêles fazem os nativos? Estes são os maiores ovos do mundo hoje, e a casca de apenas um dêles pode conter o conteúdo de dezoito ovos de galinha comuns.

Os boximanes, nativos das regiões secas e quentes da África do Sul, onde chove muito pouco, tomam ovos de avestruz, fazem um pequeno furo nelas, esvaziam-nos e os enchem de água, tornando a fechar o furo. As cascas, contendo quase quatro litros de água, são enterradas na areia para serem recuperadas em tempos de seca.

Jôgo de Flôres de Primavera

Rosalie W. Doss

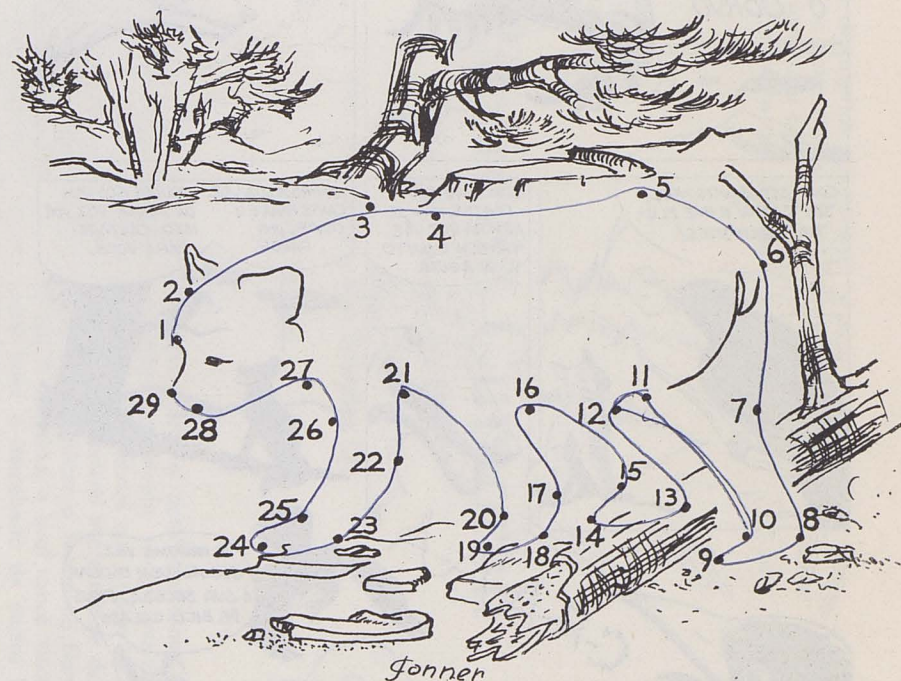
Guarde os pacotes de sementes de flôres vazios. Podem ser usados para um jôgo de adivinhação nas festas de primavera. Use dez ou doze pacotes com figuras de flôres e dê a cada pacote um número diferente.

Alinhe os pacotes de modo que cada participante possa vê-los bem. Cubra então os nomes das flôres nos pacotes dobrando-os de modo que não possam ser lidos.

Os participantes devem então escrever os números dos pacotes e tantos nomes de flôres quantos conseguirem lembrar-se. Os números devem corresponder aos nomes escritos. Estabeleça um limite de dez minutos para completar a lista.

O participante que tiver identificado corretamente os nomes das flôres é o vencedor. Um bom prêmio seria um pacote de sementes de flôres.

Seção das Crianças



QUEBRA-CABEÇA

Carol e John Conner

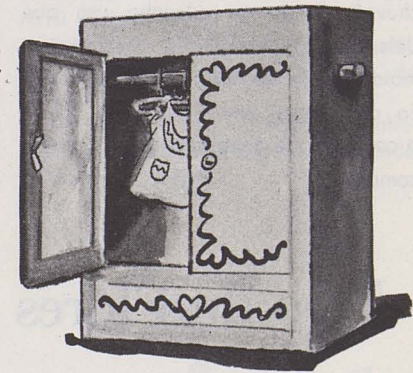
Algo caminha pela floresta. Desenhe uma linha do número 1 ao número 29, passando pelos pontos. O que é?



Guarda-Roupas de Bonecas

Peggie Geiszel

É fácil fazer cabides para roupas de bonecas com limpadores de cachimbos torcidos e um clip de papel aberto, como na figura. O clip pendura-se na barra do armário.



não foram cortadas, com as costas da tesoura para que as portas se abram facilmente. Fixe puxadores de tachinha, percevejo ou prendedores de metal.

Faça dois furos, um de cada lado, em cima, e introduza um palito ou canudinho para servir de barra de pendurar cabides.

Decore com tinta ou crayon. Papel aluminizado ou folha de alumínio afilhada no interior das portas simularão espelhos. Faça bastantes cabides e coque os sapatos na parte de baixo.

Faça um armário de roupas para cada uma das suas bonequinhas. Escolha uma caixa de tamanho adequado para o tamanho das roupas. Desenhe as portas com lápis e régua.

Corte em cima e em baixo, corte também o centro, de cima para baixo, tal como se pode ver no diagrama.

Vinque as linhas pontilhadas, que

Continuando sua análise das descobertas que se relacionam com o Livro de Mórmon, o autor desafia os homens de saber — tanto na Igreja como fora dela — a testá-lo segundo as novas atitudes e métodos dos filósofos da ciência contemporâneos.

A Partir de Cumorah

Novas Vozes do Pó

XXI - Problemas, não Soluções (2)

Hugh Nibley

Na última publicação analisamos a teoria da ponte de terra no Alaska, ligando os Continentes, métodos geológicos de datação e o desafio de K. R. Popper ao autoritarismo da ciência, no qual salienta que "a observação e a experiência nada podem estabelecer em definitivo...", senão auxiliar-nos a eliminar as teorias mais fracas.

A última palavra de Popper é uma advertência contra a busca de refúgio no prestígio e na posição; devemos, diz êle, evitar como se evita praga, aparentar conhecimento profundo demais para ser expresso clara e simplesmente." Ou, nas palavras de David Starr Jordan, "Autoridade? Não existe autoridade!"

Uma tal atitude aliviaria boa parte da tensão e incompreensão que sempre acompanharam a pesquisa das escrituras. Já não existem autoridades verdadeiras, não existem também as falsas; nem ignorantes, charlatães ou pseudo-eruditos, mas apenas teorias que podem ser refutadas com maior ou menor facilidade. Não se precisa ser um perito para entrar no debate, mas a própria discussão logo evidenciará quem está equipado, em que extensão e em quais campos — cargos, honras, títulos, credenciais e emolumentos nada têm que ver com o caso; não passam de tristes atavios de um autoritarismo que, tem-nos sido dito freqüentemente, não encontra mais lugar na verdadeira pesquisa. A única pseudo-erudição é a que clama autoridade e conhecimento definitivo, recusando-se assim a entrar na discussão. A nova atitude põe de lado o esnobismo pernóstico, como o que é expresso na clássica frase: "o direito a uma opinião" Todos têm o direito a uma opinião, reconhecendo naturalmente que essa opinião será sujeita a crítica implacável.

Pode-se ilustrar a forma com que opera o método "problemas — teorias — crítica" tomando-se como exemplo a palavra Hermounts, do Livro de Mórmon. Ela é reconhecidamente muito próxima em forma e significado da palavra egípcia Hermonthis. Mas com isso o problema não está resolvido, apenas introduzido. A semelhança entre as duas palavras tem de ser explicada, por isso aventamos uma teoria, ou seja, a de que Joseph Smith deve

ter tido acesso a autênticas fontes antigas. Isto nada estabelece, entretanto, já que (voltando a citar Popper) "o número de teorias que podem ser aventadas é sempre infinito", e é possível improvisar-se de imediato uma dúzia delas para explicar o fenômeno Hermounts. E assim se chega à discussão, a qual nunca resolve o problema, mas pode levar à descoberta de muitas informações novas e importantes.

Em que jaz então a certeza? Êste é outro assunto que tem provocado muita discussão nos últimos tempos e, surpreendentemente, o conceito que vem ganhando terreno é o seguinte: "A certeza jaz apenas na inspiração, naquele discernimento que em última análise desafia a análise".¹²⁶ Mesmo assim, a rotina da investigação não é uma perda de tempo, pois, no processo de trabalhar com o material, formam-se no indivíduo certas convicções que, como um testemunho do evangelho, são intransferíveis, mas representam os frutos mais tangíveis e satisfatórios do estudo.

O Livro de Mórmon sempre foi um enigma para o mundo. É um problema e um desafio, mas em vez de ser tratado como tal tem sido sempre tomado como uma prova cabal, por um lado de que Joseph Smith era um impostor e por outro de que era um profeta inspirado. E nesse ponto morto o deixaríamos, não fôsse pelo fato de o livro em si convidar irresistivelmente ao teste. "A possibilidade de testar tem gradações", de acôrdo com Popper, e "uma teoria que afirma muito, e assim assume maiores riscos, é mais testável que uma teoria que afirma muito pouco." Onde poderia alguém encontrar afirmativas mais ousadas que as de Joseph Smith para o Livro de Mórmon, ou melhor disposição que a dêle de ser testado por todos os meios que o engenho humano possa imaginar?

(continua)

NOTA

126. Para uma análise interessante do assunto, leia-se P. B. Medawar, "Is the Scientific Paper Fraudulent?" no *Journal of Human Relations*, 13 (1965), págs. 1-6; reimpresso do *Saturday Review*, agosto de 1964.



Zina D. H. Young



Eliza R. Snow



Elizabeth Ann Whitney

Um Facho de Luz e uma Estrêla Orientadora

Vesta P. Crawford

A Sociedade de Socorro é uma bênção contínua. Esta irmandade mundial está destinada, por visão profética e predição sagrada a servir de orientação e guia, confôrto e inspiração, às mulheres de muitas nações, pois "esta Sociedade se rejubilará e conhecimento e inteligência fluirão desta época em diante..."

Em dezembro de 1867, no vale do Grande Lago Salgado, guarnecido de montanhas, o presidente Brigham Young instruiu os bispos das novas povoações de "Deseret" a organizar a Sociedade de Socorro com base permanente; e na conferência de abril de 1868 "repetiu o pedido, estendendo-o a todos os povoados, conclamando as irmãs a entrarem para a organização, não apenas para o atendimento dos pobres, mas para realização de tôdas as obras boas e nobres. "O presidente Young chamou Eliza R. Snow, mulher de grande fortaleza espiritual e influência entre as filhas de Sião, para auxiliar os bispos nessa obra de organização.

De acôrdo com êsse chamado, a irmã Snow, já designada presidente da Sociedade de Socorro, e suas duas conselheiras, Zina D. H. Young e Elizabeth Ann Whitney, com sete outras "irmãs dirigentes", começaram a visitar as alas e povoados, ressuscitando a herança inestimável

para as mulheres que ainda se lembravam de Nauvoo e para as outras, convertidas mais recentemente à Igreja que também apreciassem participar de uma organização só sua.

Em 1868, quando êsse amplo comissionamento foi dado a Eliza R. Snow e suas assistentes, vinte e quatro anos se tinham transcorrido desde que ela, como secretária, registrara as atas da última reunião oficial em Nauvoo, Illinois — a 16 de março de 1844. Aquela reunião encerrava dois anos de atividades formais das irmãs na cidade ribeirinha, onde haviam ouvido a voz do profeta Joseph Smith a organizar a única auxiliar da Igreja estabelecida durante sua vida.

Após muitas provações e tragédias, os carroções partiram de Nauvoo para o Oeste — em fevereiro de 1848 — e atravessaram o rio Mississippi congelado.

As irmãs, instruídas e treinadas nos serviços de assis-

tência, carinhosamente atenderam aos doentes e famintos, afligidos com a perda de seus lares e entes queridos. Pequenos grupos delas reuniam-se conforme o permitiam as condições atmosféricas e as paradas das caravanas e cantavam juntas freqüentemente, suas vozes ecoando pelas desoladas planícies, como antes se faziam ouvir na bela cidade ribeirinha, onde agora jaziam seus lares destruídos. Muitas senhoras da primitiva organização cantavam, demonstrando sua fé no evangelho restaurado, enquanto prosseguia a jornada através das planícies — "Duro é o caminho ao triste viajor, Mas com fé caminha... Tudo bem... tudo bem."

Os testemunhos eram prestados à luz do fogo e essas mulheres, com rostos voltados para o oeste, recordavam a Sociedade de Socorro — seus preceitos e práticas. Em Winter Quarters, Elizabeth Ann Whitney, que fôra segunda conselheira em Nauvoo, organizou algumas reuniões, nas quais as irmãs expressavam seu júbilo e gratidão por essa herança.

No Vale do Grande Lago Salgado havia grupos formalmente organizados da Sociedade de Socorro desde 1851, apenas quatro anos após a chegada dos primeiros carroções — e reuniões informais, mencionadas algumas vezes como "encontros" haviam sido promovidas antes mesmo daquela época. A organização e seu modo de vida foram tão firmemente inculcados nos corações das irmãs que elas não poderiam se esquecer, mesmo em tempos de grandes vicissitudes, quando obter alimento e abrigo era preocupação constante. Nos anos de 1852 a 1857, e na década seguinte, as organizações da Sociedade de Socorro aumentaram e prosperaram no vale, tornando-se uma luz e um farol para as mulheres.

Alguns grupos confeccionaram uma grande quantidade de artefatos. Mesmo naquela época, estudavam "todos os livros disponíveis" e "contrataram um cavaleiro instruído para apresentar vívidas conferências do vasto cenário do mundo." Em alguns grupos havia música de órgão e "muitos cânticos das irmãs." Nas reuniões regulares e de testemunhos as bênçãos da Sociedade de Socorro se transformavam em sons que brotavam do coração.

Durante aquele ano de 1868, enquanto as irmãs presidentes viajavam por "estradas razoavelmente boas" ou "péssimas" até as vilas distantes, as coisas progrediram no sentido de uma mais íntima comunicação entre as organizações já formadas e os grupos de irmãs prontas para dar as mãos e empenhar os corações no nobre trabalho que apenas as mulheres podem executar.

Em 1868 vinte e seis anos se haviam passado desde a primitiva semente gloriosa da Sociedade de Socorro. Uma menina nascida durante os últimos anos de Nauvoo seria agora mulher desenvolvida, provavelmente mãe de família "no longínquo Oeste." A Igreja contava trinta e oito anos; vinte e um anos se haviam passado desde que os primeiros carroções contornaram estrepitosamente um rochedo nas montanhas e os que iam na frente avistaram seu futuro lar — "no longínquo Oeste."

Era época de enviar missionários às centenas para as nações da Europa e as ilhas do mar; era tempo de construir templos — os santos, recordando o primitivo edifício sagrado em Kirtland, Ohio, e o templo destruído de Nauvoo, Illinois, lançaram a pedra fundamental do Templo de Salt Lake. E em outros povoados foi dito: "Breve haverá um templo nesta colina." Fazia oito anos que

a última caravana de carrinhos de mão, sofrida mas triunfante, penetrara no Vale.

No ano em que as "irmãs dirigentes" principiaram suas visitas a "lugares distantes", as povoações — muitas das quais foram fundadas por volta de 1860, achavam-se ainda no primeiro estágio de construção, com suas cabanas de troncos, pequenas casas de adobe recolhido nas colinas próximas e abrigos escavados nas vertentes das montanhas. Conta-se que certa vez, na década de 1860, quando o apóstolo George A. Smith viajava à luz do crepúsculo para uma "povoação do sul", repentinamente viu surgir a cabeça de um homem do chão, em frente da charrete, gritando desesperado: "Pare! Pare! não passe em cima da minha casa!"

Assim, as vilas que bordejavam as correntes d'água, as pequenas aldeias encravadas nas colinas, com habitações que não passavam de grupos de cabanas, e mesmo "os menores lugares que podiam ser contados" recebiam a visita da presidente Eliza R. Snow e das "irmãs dirigentes" — sempre e quando havia uma forma de acesso, por carroção, charrete e a cavalo. Por vezes as organizadoras da Sociedade de Socorro chegavam a fazer parte do caminho a pé, em suas viagens para atender às incumbências que haviam recebido.

A presidente Eliza R. Snow contava sessenta e quatro anos de idade em 1868. Era membro da Igreja desde 1835. Devotada e generosa, contribuiu "em grande parte com sua herança pessoal para a edificação do Templo de Kirtland. Ainda muito jovem tinha conhecimento excepcional da Bíblia e seus "trabalhos literários" conseguiram destaque antes mesmo de se tornar professora, dirigente e líder espiritual das mulheres de Nauvoo. Durante o êxodo ela aprendeu a dirigir uma parelha de bois e "labutou incessantemente nos campos de Sião." Em 1856 foi publicado em Liverpool, Inglaterra, seu primeiro livro de poesias. O magnífico hino que compôs, "Ó meu Pai", era um dos favoritos do presidente Brigham Young que freqüentemente solicitava fôsse ele cantado pelas congregações de santos. Juntamente com a presidente Eliza R. Snow, na maior parte de suas "viagens de organização" aos povoados, seguiam suas amadas conselheiras Zina D. H. Young e Elizabeth Ann Whitney. Zina, que nascera em 1821 e se juntara à Igreja em 1835, havia seguido com seus pais nas primeiras imigrações da Igreja. Mulher de extraordinária visão espiritual e grande energia, dirigiu muitos empreendimentos especiais da Sociedade de Socorro.

Elizabeth Ann Whitney, antigo membro da Igreja, nascida em 1800, era a mais velha das três irmãs da presidência, em 1868. Fôra segunda conselheira em Nauvoo — uma das mais devotadas "irmãs fundadoras."

Outra das "dez irmãs dirigentes" que viajavam por todo o território de Deseret para organizar e supervisionar as Sociedades de Socorro era Bathsheba W. Smith, e mais nova irmã presente à primeira reunião de Nauvoo, que haveria de sobreviver praticamente a todas as 1.300 mulheres que se tornaram membros antes do êxodo. Bathsheba veio a ser presidente da Sociedade de Socorro em 1901, posição em que serviu até sua morte, em 1910.

Enquanto essas ilustres mulheres viajavam pelas povoações, organizando, alentando e inspirando as professoras, sucediam-se cenas inolvidáveis nos locais de reunião.

Uma irmã, residente no "centro do Território", repor-

tou esta experiência, multiplicada às centenas na Sociedade de Socorro, com o passar dos anos:

"Eu vim do campo, seguindo a trilha do sopé dos morros, e quando cheguei a um lugar de onde se podia avistar a casa de reunião, havia muitas charretes, carroças e cavalos de montaria atados junto à cerca e mulheres atravessando os arbustos de artemísias — tôdas convergindo para o mesmo local. Não havia mais visto coisa semelhante desde os dias de Nauvoo — mas antes fôra numa terra verde e irrigada — e isto era um florescer no deserto.

Uma irmã de Fillmore disse: "Eu me sentia solitária nesta região distante — mas dois eventos de grande beleza iluminaram minha vida — um foi o desabrochar do primeiro botão de meu pé de lilaz e outro a organização da Sociedade de Socorro."

Quando as "irmãs organizadoras" chegaram a Gunnison, no vale de Sanpitch, as senhoras, sob a direção do bispo, já formavam uma Sociedade há mais de um ano, promovendo duas reuniões mensais, "uma de oração e outra de trabalhos." Em Fayette, uma vila no rio Sevier, as "irmãs de Salt Lake" encontraram as mulheres já ocupadas com trabalhos manuais e difundindo práticas domésticas úteis. "Clara Mellor Hill era perita em fazer fermento, "técnica que ensinou generosamente a tôdas "para começar" e Polly Benson Bartholomew "era uma artista na confecção de belos tapetes e acolchoados."

As reuniões de testemunhos eram uma alegria para as visitantes e ocasião de reconhecimento e reflexão para as irmãs que sentiam que sua herança havia sido restaurada. Uma senhora disse que estivera tão ocupada aprendendo a conhecer a nova terra — a chegada da neve, as direções dos ventos, disponibilidades de água para a horta e com as inúmeras tarefas do lar que quase se havia esquecido da Sociedade de Socorro. Para ela a organização era uma restauração da unidade — da força e beleza da irmandade — uma ocasião para aprender os preceitos do evangelho mais plenamente e treinar suas mãos em artes domésticas e habilidades úteis.

Os anos que se seguiram a 1868 foram mais que um simples período de restauração do que se iniciara em Nauvoo e de dispersão de padrões já estabelecidos — mais que um período de ampliação de fronteiras. Eles foram, em espírito e realização, precursores desta época presente, em que irmãs de muitas terras encontram na Sociedade de Socorro resposta a seus anseios de companheirismo, conforto e desenvolvimento cultural, inspiração, orientação na obra de suas mãos, guia em seu ministério, esclarecimento nos lares e luz no caminho da vida eterna. Como as mulheres de 1842, as de 1967 são verdadeiramente herdeiras daquilo que o profeta Joseph Smith prometeu às irmãs: "Se viverdes de acôrdo com êstes princípios, que grande e glorioso será vosso galardão do reino celestial."

A Vida de Josué

(Conclusão da página 16)

como isto sucederia — mas sucedeu. (Josué 3:13-17.)

Josué atravessou uma grande experiência quando um anjo do Senhor, príncipe das hostes de Deus, veio a êle e assegurou que o Senhor apoiaria todos os seus atos em retidão. (Josué 5:13-15.)

Temos depois a história de Jericó — o primeiro obstáculo — e a forma pela qual o Senhor aconselhou Josué, que não olhou para a direita nem para a esquerda, mas seguiu o que o Senhor lhe ordenara. (Josué 6.)

A cidade de Haí e várias outras tiveram de ser conquistadas. Entretanto, neste caso ocorreu um pequeno distúrbio — Josué enviou espias para examinar a cidade e êles regressaram e disseram: "não suba todo o povo; subam alguns dois mil ou três mil homens, a ferir a Haí." Mas estavam enganados. E havia um propósito nisso, porque na luta anterior com Jericó o Senhor havia ordenado aos soldados, os filhos de Israel, que não tomassem nada, exceto certas coisas — ouro e prata — que iriam para o tesouro do Senhor. Mas um homem de nome Acan foi demasiado cobiçoso — viu certas coisas que desejava e apanhou-as, enterrando-as em sua tenda. Quando atacaram a cidade de Haí, os habitantes saíram e perseguiram êsses 3.000, capturaram alguns e mataram, parece-me, 36 dêles.

Naturalmente Josué ficou muito triste e se prostrou por terra. Clamou ao Senhor e rasgou seus vestidos, perguntando: "O que aconteceu, por que sucedeu isto?"

E o Senhor respondeu: "Um filho de Israel não guardou seus convênios." "Procura-o e livra-te dêle," o que Josué fez. Então o Senhor revelou um plano a Josué, pelo qual, através de emboscadas e manobras, Haí caiu em seu poder e foi destruída. (Josué 7:1-13, 8:1-8.)

Em seu avanço, subjogou cinco reis que se haviam coligado ao ouvir falar da vinda de Josué. Êsses cinco reis uniram-se e disseram: "Precisamos sobrepujar Josué," mas o Senhor permaneceu firme e resolveu o problema. Depois disso Josué consumou a tomada da terra e fez a distribuição conforme indicado pelo Senhor. Em seis anos conquistara seis nações e 31 reis, e isso não era tudo. Prosseguiu ainda e conquistou o restante da terra.

A base do sucesso de Josué foi obviamente esta — êle viu o que precisava ser feito, ouviu o Senhor, aprendeu e depois agiu de acôrdo com o que aprendera.

Olhar é uma coisa —

Ver o que se olha é outra —

Compreender é um terceiro passo —

Tirar lições do que se compreende já é algo mais —

Mas agir de acôrdo com o que se aprendeu é o que realmente conta — não é?

ESCOLA DOMINICAL

Inspiração

Lowell L. Bennion

Por causa de vosso esmêro, vossa fé e paciência em cultivar a palavra, para que tenha raiz em vós, eis que pouco a pouco colhereis de seu fruto, o qual é sumamente precioso, sendo mais doce que tudo o que é doce, mais branco que tudo quanto é branco, e mais puro que tudo quanto é puro; e festejareis com êsse fruto até vos fartardes e não tereis fome nem sêde." (Alma 32:42.)

O Evangelho de Jesus Cristo é dado ao homem para satisfazer sua fome, mitigar-lhe a sêde, conferir significado a sua existência e dar-lhe esperança para suportar as tragédias da vida. É uma fonte de fé, confiança e paz. Através dos seus ensinamentos os homens encontram coragem para enfrentar o fracasso, sobrepujar o pecado e aceitar sua impotência ante a morte. O Evangelho contém algo para todos os homens — esperança para o pecador, dignidade para o pobre de espírito e humildade para os poderosos e ricos.

Tanto jovens como velhos vêm à Escola Dominical aprender a palavra de Deus, ser alimentados na fé e obter a fôrça e a orientação necessária para enfrentar a batalha da vida. Limpam-se no corpo e na alma, entregam seu melhor traje e comparecem de boa mente, em geral na manhã do dia do Senhor. Têm grandes expectativas. Procuram o pão da vida.

O professor da Escola Dominical não pode decepcioná-los. Seu objetivo de ir além de apresentar uma exposição racional, uma análise de idéias e problemas — coisas muito boas, que não devem ser esquecidas. O propósito maior deve ser o de fazer com que os alunos saiam da reunião inspirados, comovidos, reconfortados, renovados na fé. As aulas não se devem perder em dissensão ou discussões incautas, nem em debate acalorado. Todos os alunos merecem deixar a sala com um nôvo espírito.

Isto não significa que as aulas da Escola Dominical

devam ser sòmente doçura e alegria, sem nunca abordar as dificuldades reais da vida. Já se disse com muita propriedade que "o propósito da religião é confortar os aflitos e afligir os confortados."

Na verdade, esta é a essência da religião ensinada por Jesus e os profetas. Eles eram prestos em denunciar a hipocrisia, censurar o povo pelo pecado e predizer o desastre que se segue à iniquidade. Mas mesmo em suas denúncias mais acerbas, havia quase sempre uma nota de estímulo, um apêlo ao esforço em retidão.

"Vinde então e argüi-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, tornar-se-ão brancos como a neve..." (Isaías 1:18.)

"Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias dos teus instrumentos. Corra porém o juízo como as águas e a justiça como o ribeiro impetuoso. (Amós 3:23, 24.)

O apóstolo Paulo, após confrontar os coríntios com seus pecados, conclui de forma muito característica:

"E quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sêde perfeitos, sêde consolados, sêde de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco." (II Coríntios 14:11.)

Assim também, uma boa aula da Escola Dominical deve terminar com uma nota de otimismo; ela edifica a fé; encoraja a retidão; provoca reflexão, decisão, ação. O professor deve trabalhar neste sentido, reservando um pouco de tempo para elevar os espíritos dos alunos, se isto precisar ser feito.

Esse toque inspirador e espiritual não pode ser superficial, inserido artificialmente no fim da aula, ainda que seja com a inclusão de um testemunho. É melhor que a aula seja permeada por êsses toques e que a inspiração brote dos ensinamentos, honesta e naturalmente.

Viagens o País de Nefi

Élder Marion D. Hanks, do Primeiro

NEFI

2 Nefi 5:5-9

Leia de antemão: 1 Nefi 1:4,5,8, 18-20
1 Nefi 2:2-4, 19, 20
1 Nefi 18:8,23
2 Nefi 5:5-9

ZARAHEMLA

Omni 1:12-19

NEFI

Reis do país de Nefi durante o período compreendido entre as linhas 3 e 6 inclusive:

- Zeniff
Mosiah 7:9,21,22
2. Noé
Mosiah 11:1
 3. Limhi
Mosiah 19:26

1. Mosiah conduz um grupo para fora de Nefi. Descobrem os mulekitas em Zarahemla e a eles se unem; Mosiah é nomeado rei. **Omni 12-15,19.**
2. A expedição ao país de Nefi fracassa devido a conflitos internos. **Omni 27,28.**
3. Zeniff conduz uma expedição ao país de Nefi. Torna-se rei vassalo. **Omni 29; Mosiah 9-22.**
4. Amon conduz um grupo de 16 homens em busca do grupo de Zeniff. Planeja a fuga do povo de Limhi para livrá-lo da escravidão. **Mosiah 7:2.**
5. Limhi fala a Amon sobre os 43 homens que fracassaram na busca de Zarahemla, mas encontraram os Jareditas, então extintos. A expedição traz consigo as 24 placas de ouro. **Mosiah 8:7-9; 28:11-17; Éter 1:2.**
6. O povo de Limhi foge para Zarahemla. **Mosiah 22:11-13.**
7. Os discípulos de Alma (sacerdote do rei Noé convertido por Abinadí) chegam a Zarahemla. **Mosiah 24:20-25.**
8. Os filhos convertidos de Mosiah seguem para o país de Nefi em missão. **Mosiah 27:8-20, 32; 28:1-9.**
9. Alma, o Moço, é convertido e chega a ser líder e mestre. **Mosiah 27:8-20, 32; 29:42; Alma 4:15-20.**
10. Os filhos de Mosiah conduzem os seus conversos à Zarahemla e encontram-se com Alma que os guia. **Alma 27:11-16,20.**

ZARAHEMLA

Reis do país de Zarahemla durante o período compreendido entre as linhas 1 a 9 inclusive:

1. Mosiah I
Omni 19
2. Benjamín
Omni 23
3. Mosiah II
Mosiah 6:3

Entre Nefi e Zarahemla

do Primeiro Conselho dos Setenta

Um notável comentarista do Livro de Mórmon, considerando a complexidade do livro observou que a história antiga está "extremamente enredada" nele. Este fato é atestado por muitos leitores que ao analisá-lo pela primeira vez acham difícil seguir as numerosas migrações, expedições, interpolações, retrospectos e outras complexidades de enredo, que abundam neste grande volume das sagradas escrituras. O gráfico publicado neste artigo tem auxiliado muitos estudantes novos (e mais antigos) a obter um quadro compreensível de alguns dos movimentos migratórios mais importantes do livro.

O gráfico não pretende absolutamente relacionar lugares do Livro de Mórmon com a geografia regional ou geral. Nem tem nada que ver com a localização relativa dos lugares mencionados, apesar de alguns poderem ser determinados pelo próprio texto do livro. Retrata simplesmente as terras de Nefi e Zarahemla como dois centros de atividade entre os quais, ao redor dos quais e em relação aos quais se processa grande parte da ação no relato. O gráfico é limitado em intenção e propósitos. Não oferece nenhuma informação nova ou curiosa, nem apresenta desafios ao erudito do Livro de Mórmon, mas destina-se a ajudar o leitor a manter o fio da história enquanto se processa o movimento dos grupos.

O coração e a alma, a carne e o tendão do Livro de Mórmon são seus maravilhosos ensinamentos espirituais e suas oportunas lições sobre a vida. Todos os seus demais aspectos, maneiras de entendê-lo e ensiná-lo, na minha opinião, estão completamente subordinados àquele. As grandes verdades e ensinamentos do livro devem ser continuamente estudados, para que possamos "aplicá-los a nós, a fim de que sirvam para nosso benefício e instrução". Este gráfico apresenta um esquema parcial da história sobre a qual estas verdades estão edificadas.

Cerca de 600 anos antes de Cristo o profeta Lehi foi abençoado pelo Senhor com uma visão da iminente destruição de Jerusalém e seus habitantes. Saiu entre o povo para adverti-lo, mas iraram-se contra ele, ridicularizaram-no e procuraram tirar-lhe a vida. Tendo recebido ordem do Senhor para deixar a cidade, Lehi conduziu os que o quiseram seguir para longe de Jerusalém, em busca da terra escolhida que o Senhor lhe prometera.

Após muito viajar pelo deserto, construíram um navio e conseguiram atingir sua terra de promessa. Houve um período de luta e desentendimento entre os filhos de Lehi

e o Senhor instruiu Nefi e os outros a fugirem dos irmãos mais velhos, Lamã e Lemuel. Penetrando no deserto, instalaram-se num local a que chamaram "Nefi", construíram um templo e estabeleceram uma das mais importantes áreas geográficas do Livro de Mórmon.

Cerca de quatro séculos mais tarde grassou a iniquidade na terra de Nefi; e um homem de Deus de nome Mosiah, advertido pelo Senhor, fugiu dali com seu grupo, descobrindo a terra de "Zarahemla." O povo que então habitava Zarahemla eram os mulequitas (que haviam deixado Jerusalém poucos anos após o grupo de Lehi, inteiramente desligados deles). E "...o povo de Zarahemla, e o de Mosiah, uniram-se; e Mosiah foi escolhido seu rei." (Omni 19.) (Vide gráfico, linha n.º 1.)

Algum tempo mais tarde, durante o reinado de Mosiah, um grupo de aventureiros "desejosos de possuir a terra de sua herança", partiu para a terra de Nefi. (Omni 27.) Essa expedição fracassou devido a dissensões internas e os sobreviventes retornaram a Zarahemla. (Vide gráfico, linha n.º 2.)

Pouco tempo depois Zeniff, membro da antiga expedição malograda, formou um outro grupo que conduziu à terra de Nefi. Sentindo um "zêlo ardente em possuir a terra", Zeniff fez um pacto com o rei dos lamanitas (que estavam de posse da terra) e tornou-se uma espécie de rei vassalo. (Vide gráfico, linha n.º 3.) (A história completa de Zeniff, seus sucessores e seu povo durante este período é relatada em Mosiah, capítulos 9 a 22.)

Depois da morte de Zeniff, seu filho Noé tornou-se rei. Através de lascívia e traição conduziu o povo por maus caminhos e mais tarde levou-os ao cativo e à sujeição. Um profeta, Abinadi, foi levantado entre eles, para adverti-los, sendo morto pelo rei Noé, mas não antes de ter cumprido sua missão e tocado o coração de Alma, um dos sacerdotes iníquos de Noé. Este converteu-se, procurou proteger Abinadi e foi expulso para o deserto, onde pregou o evangelho e estabeleceu a Igreja.

Quando Noé morreu, seu filho Limhi, um "homem justo", tornou-se rei da terra de Nefi, encontrando seu povo no virtual estado de escravidão em que Noé os havia deixado.

Enquanto era vivido este período da história da terra de Nefi, muitos fatos ocorriam em Zarahemla. Mosiah havia morrido e fora sucedido por seu filho, o grande rei Benjamin, que como seu pai governara em retidão e jus-

tiça. Quando Benjamin morreu, foi sucedido por seu filho, Mosiah II, neto do primeiro.

Durante o reinado de Mosiah II em Zarahemla, foi formada uma expedição para procurar a terra de Nefi e inquirir a respeito de Zeniff e seu grupo, do qual não se ouvira falar desde que partiram em sua jornada, durante o reinado de Mosiah I. Essa expedição de dezesseis pessoas foi liderada por Amon, "homem forte e poderoso", que conduziu-os à terra de Nefi. Isto ocorreu durante o reinado de Limhi naquela terra. Amon relatou a Limhi os eventos em Zarahemla e ouviu d'ele a triste história de Zeniff, Noé e seu povo. Os dois principiaram a planejar a fuga do povo de Limhi. (Vide gráfico, linha n.º 4.)

Durante a entrevista, Limhi falou a Amon a respeito da expedição que havia enviado para procurar Zarahemla, na esperança de livrar seu povo da escravidão. A expedição não encontrou Zarahemla, mas retornou tendo achado uma terra onde antes existira um povo poderoso. Trouxeram vinte e quatro placas de ouro que relatavam a história desse povo agora extinto (os Jareditas). (Vide gráfico, linha n.º 5.)

Limhi e seu povo fugiram e foram conduzidos por Amon de volta a Zarahemla. (Vide gráfico, linha n.º 6.)

Alma também levou seu grupo de seguidores e conversos para juntar-se ao povo em Zarahemla. (A história de Alma é relatada em Mosiah 23 e 24.) (Vide gráfico, linha n.º 7.)

Em Zarahemla os filhos de Mosiah II abandonaram a fé e tornaram-se "os mais vis dos pecadores." O filho de Alma, também denominado Alma, uniu-se a eles na tentativa de destruir a Igreja. Visitados por um anjo, o jovem Alma e os filhos de Mosiah foram convertidos e procuraram reparar os danos que haviam causado à Igreja.

Os filhos de Mosiah recusaram-se unânimesmente a aceitar o reino e saíram em missão entre os lamanitas, seus inimigos tradicionais, na terra de Nefi. (Vide gráfico, n.º 8.)

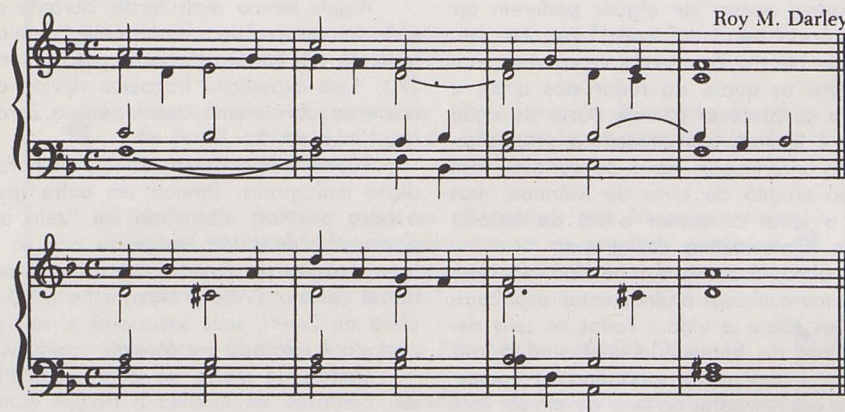
Alma, o mais moço, tornou-se chefe da Igreja e juiz principal da terra, mas abandonou sua posição para pregar o evangelho. (Vide gráfico, linha n.º 8.)

Os filhos de Mosiah conduziram seus conversos a Zarahemla. A caminho encontraram Alma, que também retornava e acompanharam-no e a seus seguidores a Zarahemla. (Vide gráfico, linha n.º 10.)

Houve um longo período de conflito entre o povo de Deus em Zarahemla e seus oponentes em Nefi. O Salvador visitou-os no país da Abundância, próximo a Zarahemla, onde se haviam reunido no templo. A paz reinou por 200 anos; então houve iniquidade, conflito contínuo e finalmente a guerra de extermínio. Moroni completou os registros deixados em sua custódia por Mórmon, seu pai, e depositou-os em caixa de pedra numa colina. Quinze séculos mais tarde retornou para levar o profeta Joseph Smith ao local em que estavam depositadas.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Fevereiro

Roy M. Darley



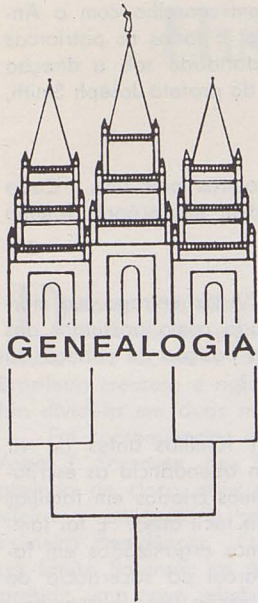
Jóias Sacramentais de Fevereiro

Escola Dominical Sênior

Escola Dominical Júnior

Disse Jesus: "Se alguém quizer fazer a vontade d'ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo."
João 7:17

Disse Jesus: "O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei."
João 15:12



A Meta Eterna

XI Lição de Genealogia



O plano de governo perfeito do Senhor é a ordem patriarcal, que significa o governo do pai. Todo o pai fiel presidirá sobre seus filhos e sobre os filhos de seus filhos até a última geração. Obedecerão seu conselho e trabalharão juntos em perfeita harmonia. Cada filho fiel presidirá, como seu pai, sobre sua posteridade até a última geração. Quando "o que é perfeito vier", as famílias passarão a ser assim organizadas em perfeita lei e ordem.

Isto não significa que o pai exercerá domínio tirânico, nem implica em que possa tomar todas as decisões arbitrariamente. Significa que aprenderá a ser como Cristo no governo de sua família, de forma que esta ame e honre a seu pai e deseje agir de conformidade com seus desejos, porque seu conselho é justo e razoável. O pai, cheio de amor por sua esposa e família, governá-los-á em afeição e justiça.

O profeta Joseph Smith ensinou: "O Pai chamou diante de si todos os espíritos, na criação, e organizou-os. Ele (Adão) é o cabeça e lhe foi ordenado que se multiplicasse. As chaves foram entregues primeiramente a êle e por êle a outros. Adão terá de prestar contas de sua mordomia e seus filhos prestarão contas a êle. Cristo é o Grande Sumo Sacerdote, Adão o que se lhe segue." (D. H. C. 3:387.)

Assim, no princípio Miguel (ou Adão) foi escolhido para estar à testa de toda a família humana, como seu príncipe, e lhe foram entregues as chaves de sua salvação, sob conselho e direção do Filho, o Santo.

O Senhor revelou ao profeta Joseph Smith que Adão reuniu todos os seus filhos fiéis, juntamente com as famílias, e conferiu a êles uma bênção patriarcal, antes de sua morte. Segundo as Escrituras: "Três anos antes de sua morte, Adão chamou ao vale de Adam-ondi-Ahman a Sete, Enos, Cainã, Maalel, Jared, Enoque e Matusalém, que eram todos sumo sacerdotes, e ao restante da sua posteridade que era fiel e lhes deu a sua última bênção.

"E o Senhor lhes apareceu, e êles se ergueram e abençoaram a Adão e chamaram-no Miguel o príncipe, o arcanjo.

"E o Senhor administrou conforto a Adão e lhe disse: Eu te separei para seres o cabeça; uma multidão de nações procederão de ti, e tu és príncipe sobre elas para sempre.

"E Adão se ergueu no meio da congregação; e embora curvado pela velhice, sendo cheio do Espírito Santo predisse tudo que haveria de acontecer à sua posteridade até a última geração.

"Todas estas coisas foram escritas no livro de Enoque, e delas se testificarão no devido tempo." (Doutrina e Convênios 107:53-57.)

Adão é por vezes chamado Ancião de Dias, significando o mais velho. Antes da segunda vinda do Salvador haverá um período de grande destruição sobre a terra, as famílias serão separadas por luta sangrenta e guerras devastarão as nações até que os tronos sejam derrubados

A escritura diz que não haverá paz. Guerras, incêndios, tremores de terra e pestilência se sucederão, "até que venha o Ancião de Dias, e então será dado julgamento aos Santos."

O profeta Joseph Smith explicou mais tarde que nosso pai Adão (ou Miguel) reunirá seus filhos e promoverá um grande consêlho, para prepará-los para a vinda do Filho do Homem. Diante de sua grande Primeira Presidência deverão se postar todos os que possuírem chaves ou responsabilidades especiais e prestar contas de sua mordomia.

A 17 de dezembro de 1833, o profeta Joseph Smith conferiu uma bênção "por visão e espírito de profecia" a seu pai, Joseph Smith, Sr. Naquela bênção, registrada por Oliver Cowdery, está escrito: "Assim falou o vidente; são estas as palavras que brotaram de seus lábios, enquanto as visões do Altíssimo se abriam a seus olhos: Abençoado pelo Senhor é meu pai, pois se colocará em meio a sua posteridade... e será chamado príncipe sobre ela, e será contado entre os que terão direito ao sacerdócio patriarcal, às próprias chaves do ministério, porque reunirá sua posteridade como Adão, e a reunião que êle conclamou servirá de exemplo a meu pai..."

"Assim acontecerá com meu pai; será chamado príncipe sobre sua posteridade, possuindo as chaves do sacerdócio patriarcal sobre o Reino de Deus sobre a terra — a Igreja dos Santos dos Últimos Dias — e se assentará na

assembléia geral dos patriarcas, em conselho com o Ancião de Dias, e quando assentar-se, e todos os patriarcas com êle, gozará seu direito e autoridade sob a direção do Ancião de Dias." (Ensinamentos do profeta Joseph Smith, Seção 1.)

Assim também será com os outros pais fiéis. Cada um organizará e colocará em ordem sua própria família e prestará contas a Adão.

Acrescentou ainda o profeta: "Adão entrega sua mordomia a Cristo, a que lhe foi dada como possuidor das chaves do universo, mas retém sua posição de cabeça da família humana." (D. H. C. 3:387.)

Que éramos organizados em famílias antes de vir para a mortalidade o atestam com abundância as escrituras. Sabemos que nascemos e somos criados em famílias na mortalidade porque temos prova fácil disso. E foi também revelado que no futuro seremos organizados em famílias divinas, sob a ordem patriarcal do sacerdócio do Senhor. Portanto, vemos aí maior razão para buscar nossos ancestrais e fazer com que seja realizado por êles o trabalho nos templos santos de nosso Senhor. E começamos a compreender melhor o que o profeta Joseph Smith quis dizer quando afirmou que se negligenciarmos essa obra, isto é, a obra de salvação de nossos ancestrais, o faremos com perigo de nossa própria salvação.

Nôvo Bispo Preside a Ala São Paulo V



Desde 24 de dezembro de 1967, acha-se presidindo a Ala São Paulo V, o Bispo Júlio Klappoth, sucedendo ao Bispo José Lombardi, chamado para o patriarcado da Estaca São Paulo.

Nascido a 22 de março de 1919, em Brusque, Santa Catarina, recebeu o batismo em 1964. Logo veio a merecer a confiança do Sacerdócio, tendo recebido grau sôbre grau e desempenhando várias funções importantes na Igreja. Foi, sucessivamente, superintendente da Escola Dominical, secretário do ramo, primeiro conselheiro da Presidência do Ramo Pinheiros II, com o estabelecimento da Estaca, foi chamado para o Sumo Conselho.

Sua vida foi edificada com denodado esfôrço. Ainda jo-

vem, trabalhava para custear os estudos. Ao formar-se, desposou Dora Stamm. O casal tem um filho igualmente ativo ao sacerdócio.

Encabeçando a contadoria e a procuradoria de uma importante firma industrial, ainda assim o Bispo Klappoth encontrou tempo e disposição para dedicar-se ao trabalho do Senhor, não se envergonhando do Evangelho Restaurado, mas proclamando-o com forte testemunho mesmo meio às dificuldades.

"Examino as Escrituras diariamente," disse o Bispo Klappoth, "afim de obter energias para o cotidiano e conservar-me no caminho que leva à árvore da vida."

História da Igreja no Brasil

A Missão Brasileira do Sul

Thomas F. Jensen

Presidente da Missão Brasileira do Sul

Durante uma excursão pelas Missões Sul-Americanas, realizada em meados de 1959, o Élder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze, verificou que a Missão Brasileira crescera e espalhara-se tanto que tornara-se sábio dividi-la em duas missões.

Em conseqüência, a 30 de julho de 1959, o Irmão Asael T. Sorensen, que havia recentemente terminado um período de cinco anos como Presidente da Missão Brasileira e retornado à pátria, recebeu um telefonema da Primeira Presidência. O Pres. Henry D. Moyle perguntou ao Irmão Sorensen se apreciaria retornar ao Brasil para presidir uma nova missão. Em atendimento ao chamado, o Irmão Sorensen e sua família responderam que ficariam muito felizes em servir ao Senhor entre os irmãos e irmãs do Brasil.

Dias após, o Pres. David O. McKay entrevistou, e tendo-o achado digno, designou pela imposição das mãos o Irmão Sorensen como Presidente da Missão Brasileira do Sul, a ser brevemente desmembrada a partir da Missão Brasileira.

A 30 de setembro de 1959, na capela do ramo de Curitiba, sob a presidência do Élder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze, o Pres. William Grant Bangerter, da Missão Brasileira, dirigiu a reunião que dividiu a Missão Brasileira e criou a Missão Brasileira do Sul. Nessa reunião especial de organização, estiveram presentes um apóstolo, dois sumo sacerdotes, trinta e sete élderes, dezessete missionários, dez sacerdotes, cinco mestres, nove diáconos e sete pessoas não portadoras do sacerdócio, perfazendo um total de 88 pessoas. Compreendendo os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a Missão inicialmente contava com quatro distritos, abrangendo cerca de 1300 membros. Esses distritos: Curitiba, Joinville, Londrina e Pôrto Alegre, eram presididos por membros batizados há apenas cerca de três anos e meio.

Durante a histórica reunião, o Élder Harold B. Lee observara não haver melhor maneira de medir o crescimento de uma missão que a expressa pelo número de portadores do Santo Sacerdócio. Por conseguinte, após a reunião foram ordenados três élderes, um dos quais, Nadir Samways, veio a cumprir missão de tempo integral.

Ao Presidente Sorensen coube a tarefa pioneira de lançar os alicerces, de organizar e de construir um eficiente sistema de administração que permitiria aos seus sucessores a plena utilização dos missionários na propagação do Evangelho. A Missão cresceu, vindo a incluir mais de dois mil membros quando o Pres. Sorensen veio a ser substituído, em julho de 1961, pelo Pres. Finn B. Paulsen.

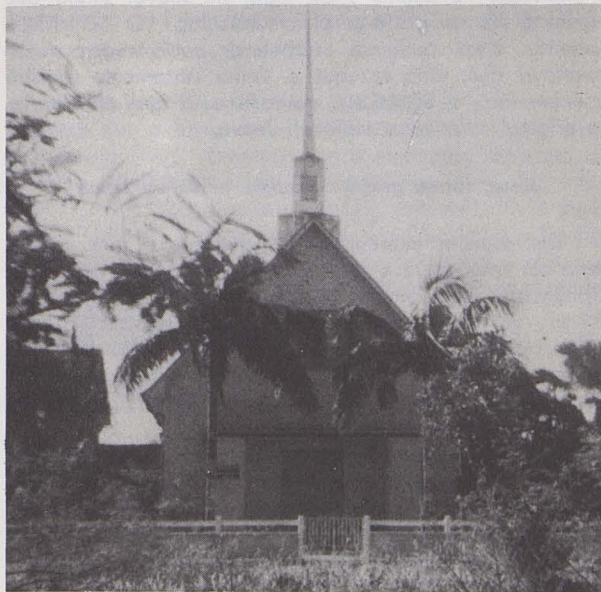
Durante a administração do Pres. Paulsen três novas capelas foram dedicadas e cinco outras estavam em construção. Mais ramos receberam liderança local deixando os missionários com tempo livre para o proselitismo. A obra ia progredindo e, como profetizara o Apóstolo Ballard:

"A obra do Senhor por um tempo crescerá vagarosamente aqui..." Agora acelerava-se o seu progresso.

A 7 de agosto de 1964, o Pres. Paulsen foi substituído pelo Presidente Charles Elmo Turner, deixando cerca de sete mil membros na Missão Brasileira do Sul. O calor que os presidentes anteriores haviam comunicado à obra foi aumentado pelo novo presidente, e importantes alterações foram se verificando no curso da sua administração: No passado, apenas três distritos possuíam liderança local, agora, dos onze distritos existentes, apenas um é presidido por missionários. A liderança local assumiu também a presidência de 37 dos 41 ramos da Missão Brasileira do Sul. Dez novas capelas erguidas em três anos vieram somar-se às seis já existentes. Sete novas cidades foram abertas à pregação. No Sacerdócio, nas Auxiliares, em todos os programas, o intenso progresso foi a característica marcante.

Ao deixar a Pres. da Missão Brasileira do Sul, o Pres. Turner deixava também quase doze mil irmãos seus no Evangelho. Para presidir sobre esse grande rebanho do Senhor em substituição ao Pres. Turner, em julho de 1967 chegava ao Brasil o Pres. Thomas F. Jensen e família. A obra de transformar e aperfeiçoar almas recebeu adequada continuação num ritmo igualmente acelerado. O ano de 1968 promete ser uma etapa de grandes realizações no estabelecimento do Reino de Deus sobre a terra, em particular no Sul do Brasil.

No próximo número: **A Estaca São Paulo**, por Sylvio G. Vazzoler, membro do Sumo Conselho.



A atual capela de Joinville foi a primeira capela da América do Sul

Jesus Cristo, o Jeová dos Exércitos

Hélio da Rocha Camargo

A grande preocupação de Moisés, ao ser chamado junto ao Monte Horebe e comissionado por Deus a promover a saída dos filhos de Israel do Egito, relatam as Escrituras, foi conhecer o nome daquele que o chamava.

Respondeu-lhe o Senhor: "Eu sou o que sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: **Eu sou** me enviou a vós." (Ex. 3:14, it. do A.)

A expressão hebraica traduzida por **Eu sou**, representaria, segundo os estudiosos da língua, os três tempos do verbo ser: passado, presente e futuro, e a sua grafia, no idioma original (que não possuía sinais para indicar sons vocálicos), equivalia aproximadamente em nosso alfabeto YHVH. Estas são as quatro letras que formam o conhecido tetragrama sagrado.

Durante a Idade Média, os copistas do Velho Testamento inventaram uma série de pontos e traços que se colocavam junto ou no interior das letras da escrita hebraica clássica, para a fixação dos valores vocálicos: São os conhecidos "sinais massoréticos."

Ao chegarem ao tetragrama, cuja pronúncia era vedada ao povo, acharam por bem os "massoretas", empregar, em lugar das próprias vogais da palavra santa, aquelas da expressão que costumemente a substitua, na leitura comum: **Adonai** — o Senhor. Dessa maneira, a expressão YHVH, com as vogais de Adonai intercaladas, apresentar-se-ia como YAHOVABI, originando-se daí a pronúncia hoje corrente: **Jeová**, embora os eruditos afirmem que o correto seria **Javé**.

Os editores da maioria das Bíblias atualmente em circulação adotaram a prática de usar nos lugares do Velho Testamento onde se encontra o tetragrama sagrado, a expressão "o Senhor", em lugar de **Jeová**, sendo que alguns preferem grafá-la em maiúsculas: "O SENHOR". Sabendo disso, podemos estabelecer como regra quase invariável que, toda vez que o Velho Testamento registra a expressão "o SENHOR", entender-se-á que ali estaria, no original, a palavra inefável: **Jeová**.

Jesus, forma grega do nome hebraico Josué

Um aspecto interessante da questão, e que vale a pena ser referido, é o fato de que o nome Jeová, nunca pronunciado isoladamente, entrava sem restrições na composição de nomes próprios como: Josias (Jeová cura), Jônatas (Jeová o deus), Josué (Jeová é salvação) e muitos outros. Este último nome, Josué, merece especial atenção por ter sido dado ao Messias antes de nascer, por indicação do anjo que visitou seus pais.

Como é sabido, o nome hebraico Josué, ao ser passado para a língua grega, tomou a forma **Iesou**, e em português veio a ser grafado **Jesus**.

A conhecida versão grega do Velho Testamento, a Septuaginta, chama Jesus ao líder que sucedeu a Moisés no comando do povo, deixando assim bem claro que era essa a forma grega do nome Josué.

No episódio da Anunciação, relata a Escritura que um mensageiro dos céus visitou a virgem escolhida e: "Disse-lhe o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus; e eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de **Jesus**." (Lc. 1:30-31, it. do A.)

Por que Jesus? Que razões especiais teria Deus, em seu plano de salvação, para exigir que seu Filho recebesse esse determinado nome ao vir ao mundo? Por que não chamá-lo Davi, José ou qualquer outro nome?

A própria Bíblia registra a explicação dada pelo anjo, ao visitar José, comunicando que Maria daria à luz a um filho: "... e chamarás o seu nome **JESUS**; porque **êle salvará o seu povo dos seus pecados**." (Mt. 1:21, it. do A.). Ali estava, pois, a explicação do nome: Jesus = Jeová é salvação; êle seria o Salvador do mundo.

Implicaria isto em que Jesus é o próprio Jeová? É isso o que pretendemos examinar neste artigo.

O Nome de Jesus no Velho Testamento

Tendo-se em vista a importância que as Escrituras atribuem à questão, parece-nos lícito indagar se a casa de Israel teria conhecimento prévio do nome a ser dado ao Messias quando viesse, em sua missão terrena.

Muitos supõem que apenas os seus títulos haviam sido revelados aos profetas, e percorrem o Velho Testamento com a certeza de não terem encontrado a menor referência direta ao nome do Salvador. Para tais pessoas constitui uma verdadeira surpresa a palavra do anjo a Maria: "... por-lhe-ás o nome de **JESUS**."

Entre os vários títulos pelos quais o Messias fôra chamado no Velho Testamento, um se destaca por aparecer repetido muitas vezes, acompanhado de profecias importantes: é o que o chamava de "Renôvo."

Jeremias, por exemplo, escreve: "Eis que vem dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um **Renôvo** justo; e sendo rei, reinará e prosperará e praticará o juízo e a justiça na terra." (Jr. 23:5, it. do A.)

Nos dias de Zacarias, recebeu aquele profeta uma impressionante revelação relativa ao Renôvo. Oficiava como sumo-sacerdote em Israel, naqueles dias, um homem chamado Josué. (Usaremos a forma grega do nome para maior clareza do argumento). Dirigiu-lhe Deus as seguintes palavras por intermédio de Zacarias: "Ouve pois, Jesus, sumo-sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos: eis que eu farei vir o meu servo o **Renôvo**. Porque eis aqui a pedra que eu puz diante de Jesus: sobre esta pedra única estão sete olhos: eis que eu esculpirei a sua escultura, diz Jeová dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra num dia." (Zc. 3:8-9) E acrescentou, dirigindo-se ao profeta: "Recebe, digo, prata e ouro, e fazê corôas e põe-nas na cabeça de Jesus, filho de Josadaque, sumo-sacerdote. E fala-lhe dizendo: Assim fala e diz Jeová dos Exércitos: Eis aqui o

homem cujo nome é Renôvo: êle brotará do seu lugar, e edificará o templo do Senhor." (Zc. 6:11-12, it. do A.)

Aqui temos uma revelação bastante importante do Velho Testamento afirmando claramente que o nome do Renôvo, aquele que seria a pedra e receberia a incumbência de tirar a iniquidade da terra num dia, seria o mesmo do sumo-sacerdote dos dias de Zacarias: Josué, que em grego se diz JESUS, e que significava "Jeová é Salvação."

Pré-Existência e Poder de Jesus

Uma pergunta parece bastante cabível aqui: Quem era êste que o Pai enviava ao mundo? Tratar-se-ia de um ser humano comum, a ser considerado como um filho adotivo de Deus, ou existiria antes de ter vindo em sua missão terrena?

Ao desempenhar o seu ministério, êle mesmo teve muitas oportunidades de explicar que vivera na presença do Pai, dizendo: "...pois que eu saí, e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas êle me enviou." (Jo. 8:42)

Em outra ocasião, quando orava, disse: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." (Jo. 17:5)

Qual seria a posição de Jesus, antes que o mundo existisse, e que papel teria êle desempenhado no plano da Criação? Quem nos responde é o evangelista João nas primeiras linhas do seu livro: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." (Jo. 1:1, it. do A.)

Mereceria Jesus o título de Deus? Estaria certo o evangelista ao chamá-lo assim? Se não lhe coubesse o título, êle certamente o rejeitaria, entretanto, conforme lemos noutra parte, após a sua ressurreição, havendo Tomé duvidado do evento, apareceu-lhe o Senhor "E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu." (Jo. 20:27-28).

Diante de tal declaração, como reagiu o Salvador? Rejeitou o título que lhe atribuía Tomé, como deveria ter feito se por acaso não fôsse realmente Deus? A resposta foi simples e nem de longe sugeria qualquer rejeição: "Disse-lhe Jesus: Porque me viste, crêste? Bem-aventurados os que não viram e creram." (Jo. 20:29)

O Testemunho dos Profetas

O Testemunho de Isaías

Examinando o livro de Isaías, vamos encontrar a seguinte revelação do Senhor: "Vós sois as minhas testemunhas, diz Jeová, e o meu servo, a quem escolhi; para que saibais e me creais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim nenhum deus se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou Jeová, e fora de mim não há Salvador." (Is. 43:10-11, it. do A.)

Ora, de acôrdo com o que lemos no livro de Atos, uma vez completada a obra redentora no Calvário, e após a ascensão de Jesus, saíram os discípulos proclamando o seu nome, em obediência ao mandamento: "...ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra." (At. 1:8)

Quando os líderes religiosos de Israel inquiriam-nos a respeito de sua fé, por causa da cura de um homem, to-

mou Pedro a palavra e disse: "Seja conhecido de vós todos e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o nazareno... é que êste está diante de vós. Êle é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos." (Atos 4:10-12, it. do A.)

Fácil é compreendermos porque teria feito Jeová a declaração registrada por Isaías: "...fora de mim não há Salvador." Se o Senhor não tivesse dito isso, poderia parecer que, em cima nos céus, outro nome poderia haver, pelo qual os homens pudessem ser salvos. Com a declaração de que só Jeová salva, e a afirmativa do livro de Atos de que "também debaixo do céu" nenhum outro nome há, pelo qual devamos ser salvos, senão o de Jesus, fica definitivamente estabelecido que só existe um Salvador, tanto nos céus quanto na terra, e o seu nome é o mesmo: Jesus, ou seja — Jeová é Salvação.

O Testemunho de Ezequiel

O Profeta Ezequiel, por sua vez, registrando declarações do Senhor, escreve: "Portanto eu vos julgarei, a cada um conforme os seus caminhos, ó casa de Israel, diz o Senhor Jeová: vinde e convertei-vos de tôdas as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropêço." (Ez. 18:30, it. do A.)

Séculos mais tarde, quando se referia ao julgamento final do mundo, o Senhor Jesus declarou que a tarefa de separar bons de maus, premiando os primeiros e castigando os outros, cabia-lhe em caráter absolutamente exclusivo, ao afirmar: "E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo." (Jo 5:22, it. do A.)

Uma vez que o próprio Cristo afirma que o Pai a ninguém julga, mas que êle próprio será o juiz de toda a terra, devemos concluir que o "Senhor Jeová", a quem se refere o profeta Ezequiel não pode ser o Pai, e sim o Filho, Jesus Cristo.

Testemunho da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze sobre o Pai de Jesus Cristo

Quem é então o Pai de Jesus Cristo? Uma vez que sabemos que o nome Jeová pertence ao Filho, qual seria o nome do Pai? Transcrevemos a exposição doutrinal da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze Apóstolos: "Deus, o Pai Eterno, a quem designamos pelo título superior de "Eloim", é o Pai literal de nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo e dos espíritos da raça humana. Eloim é o Pai em todos os sentidos em que Jesus é assim designado, e distintivamente Êle é o Pai dos espíritos." (Ricks, E.; Referências das Escrituras Sagradas, São Paulo, 1952, p. 75).

O Testemunho de Jeremias

O profeta Jeremias, referindo-se ao grande Deus de Israel, compara-o com as imagens feitas pelas mãos dos homens, e diz: "Não é semelhante a êstes a porção de Jacó; porque êle é o criador de tôdas as coisas, e Israel é a vara da sua herança..." (Jr. 10:16, it. do A.)

Quando comparamos êste texto com as palavras de João referentes a Jesus, não podemos evitar a conclusão

lógica de que ambos falam da mesma pessoa: "Ele estava no princípio com Deus. **Tôdas as coisas foram feitas por êle, e sem êle nada do que foi feito se fêz.**" (Jo. 1:2-3, it. do A.)

Realmente é difícil negar-se que ambos falam da mesma pessoa, uma vez que é impossível haver dois diferentes "criadores de tôdas as coisas," e por conseguinte Jesus teria de ser forçosamente a "porção de Jacó" a quem Jeremias se refere.

Quem seria pois essa "porção de Jacó"? O próprio profeta conclui a sua frase explicando: "**Jeová dos Exércitos é o seu nome**". (Jr. 10:16, it. do A.)

Os Apóstolos Davam Testemunho de que Jeová é Jesus Cristo

Um fato chama a atenção de todos os estudiosos das Escrituras: o nome de Jeová, tantas vêzes repetido no Velho Testamento, não aparece uma única vez no Novo Testamento. Qual seria o motivo dessa omissão? Teriam os discípulos de Jesus Cristo a compreensão perfeita da personalidade e dos feitos de Jesus antes do seu nascimento em Belém de Judá? Seria correto afirmar que as autoridades da Igreja Primitiva ensinavam ao povo que Jesus Cristo era o mesmo Jeová que conduzira o povo de Israel na fuga do Egito bem como através de tôda a subsequente e tumultuosa história de Israel? Vale a pena verificarmos.

O Testemunho de João

No Apocalipse, o apóstolo do amor registra a seguinte afirmativa do Senhor Jesus Cristo depois de ressurrecto: "**Não temais; eu sou o primeiro e o último.**" (Ap. 1:17, it. do A.)

Desconheceria o grande apóstolo que êsse título de carácter exclusivo fôra aplicado por Isaías a Jeová? Uma vez que seria absolutamente impossível haver mais que um **primeiro e último** e êsse título é aplicado a Jesus Cristo pelo autor do Apocalipse, não há alternativa para aceitarmos que Jesus Cristo e Jeová eram uma única pessoa, se atentarmos para as palavras de Isaías: "Assim diz o SENHOR, o Rei de Israel e o seu Redentor, Jeová dos Exércitos: **Eu sou o primeiro e eu sou o último.**" (Is. 44:6, it. do A.)

O Testemunho de Paulo

Escrevendo aos coríntios, o apóstolo das gentes refere-se ao incidente da rebelião do povo nos dias de Moisés, quando Jeová conduzia Israel pelos desertos. Para melhor compreensão do texto, vale a pena recordarmos o fato narrado no Velho Testamento: "Então disse o SENHOR a Moisés: Passa diante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel: e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio: vai. E, s que eu estarei diante de ti sôbre a rocha, em Horebe, e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas, e o povo beberá. E Moisés assim o fêz, diante dos olhos dos anciãos de Israel. E chamou o nome daquele lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram o SENHOR, dizendo: Está o SENHOR no meio de nós, ou não?" (Ex. 17:5-7)

A outra parte do episódio da rebelião, igualmente embrada por Paulo, foi o incidente das serpentes, assim

narrado em Números 21:5-6: "E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizestes subir do Egito, para que morrêssemos neste deserto? pois aqui, nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio dêste pão tão vil. Então o SENHOR mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; e morreu muito povo de Israel."

Tão fundo calou no espírito do povo o incidente, que Moisés mais tarde serviu-se dêle para admoestá-los a fim de que se mantivessem no caminho da obediência, dizendo: "Não tentareis o SENHOR vosso Deus, como o tentastes em Massá." (Dt. 6:16)

Vejamos agora a versão apresentada por Paulo à Igreja de Corinto sôbre a rebelião do povo no deserto: "E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo... **E não tentemos a Cristo, como alguns dêles também tentaram, e pereceram pelas serpentes.**" (I Cr. 10:4,9, it. do A.)

Pode restar alguma dúvida sôbre a personalidade de Jesus Cristo depois da leitura dêste texto?

O Testemunho do Autor da Carta aos Hebreus

Vejamos agora o que diz, a respeito da rebelião no deserto, o autor da referida carta: "Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até o fim. Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação. Porque **havendo-a alguns ouvido, o provocaram;** mas não todos os que saíram do Egito por meio de Moisés." (Hb. 3:14-15, it. do A.)

Conclusão

Embora creiamos sinceramente que do acima exposto ressalta meridianamente claro que o mesmo Ser cultuado nos dias dos profetas, sob o nome de JEová, foi aquêle que nasceu em Belém da Judéia, recebendo o nome de JESUS, não deve causar-nos espanto que muitos persistam em levantar dúvidas a respeito.

O apóstolo Paulo conhecia êsse tipo de leitores estudiosos das coisas sagradas, "Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade" (II Tm. 3:7), e podemos estar seguros de que a classe ainda não foi extinta em nossos dias.

Uma coisa, entretanto, podemos saber com certeza e afirmar com segurança: aquêles que receberam de Deus o testemunho da veracidade do Evangelho restaurado e da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, não precisam mais de ter dúvidas, uma vez que as revelações concedidas pelo Pai nestes últimos dias esclarecem os pontos obscuros na Escritura Sagrada por êrro ou malícia dos tradutores.

Em Doutrina e Convênios lemos: "O véu foi retirado das nossas mentes, e abertos os olhos do nosso entendimento. Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar. Seus olhos eram como labareda de fôgo; os cabelos da sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandescia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia: Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:1-4)



Ramo de Santos, Pioneiro no Esforço Educacional

Níveo Varela Alcover

A casa é antiga, de porão alto. Passou algum tempo fechada, e todos os que por ali passam, lembram-se de que já foi uma capela. Com a construção de uma outra, bem longe dali, a rua permanece quieta aos domingos. Os vizinhos, habituados ao movimento, estranham a ausência daquele vozerio alegre.

No fim da tardes, e principalmente aos sábados, começa a chegar uma porção de gente com roupa de serviço. As feições são conhecidas. Não seriam aqueles que frequentavam a antiga capela? Parece que a casa será reformada. Crianças, adultos, jovens, todos se incumbem de alguma tarefa: raspar a pintura velha, cair algumas paredes, pintar outras, envernizar as portas. Há também mãos ajudando, inclusive raspando paredes.

Que pretendem eles? Irão reabrir a capela? Após algumas semanas de incessante labuta, surge uma placa, uma tímida plaqueta na porta: "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — ESCOLA."

E assim, surge uma nova escola. As carteiras foram emprestadas de um grupo escolar. O quadro-negro é pequeno, e a mesa é tósca e cambaia. A cadeira está sempre puxando o fio da meia da professora. Mas não importa. Temos uma escola!

"Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição." (D&C 130:18).

Oito horas da noite. Vão chegando os alunos. Jovens que não puderam estudar, outros que abandonaram o ginásio pelo meio e estão arrependidos, donas de casa que deixaram a pia cheia de louça por lavar, senhores cansados que labutaram o dia inteiro. Estamos falando do **Curso de Madureza**. Todos sabem que é um dos mais difíceis, visto que o programa de quatro anos do ginásio tem que ser apresentado em menos de um ano. Há os que se amedrontam e abandonam o curso — é realmente muita coisa para quem suou o dia inteiro. Mas os que permanecem, não sem grandes sacrifícios, ouvem atentos, as explicações. Para os adultos, é uma agradável experiência. "Sinto-me uma adolescente," disse uma senhora.

E até circunspectos irmãos da Igreja não resistem a uma piadinha em aula, integrados que estão em seu papel de alunos. A Escola é quase um Elixir da Juventude.

Na parte térrea, funciona o Curso de Alfabetização. A animação não é menor. Às vezes, a resolução de uma divisão com três números provoca debates acalorados entre os alunos, cuja idade oscila entre 20 e 80 anos. Pois, oitenta anos tem o Irmão Afonso, um dos alunos mais entusiasmados do Curso de Alfabetização. A matemática Moderna espanta-os. "No meu tempo era diferente." E o Irmão Afonso reclama: "Essa invenção de quadrados é para crianças!" Algumas alunas trazem os seus filhos, que ficam brincando no jardim. Muitas vezes, encontramos um menininho dormindo atravessado no banco da escola, enquanto a sua mãe, atenta, ouve as explicações da professora.

Nas salas ao lado, funcionam os Cursos de Inglês, com duas classes: principiantes e adiantados. São muito animadas, pois, com frequência, o Irmão Vasco traz discos com músicas modernas, para que os alunos aprendam vocabulário e pronúncia. Nesse dia a animação é contagiante. É a escola moderna, a escola ativa.

A escola é mantida por uma contribuição mensal dos alunos. É uma contribuição quase simbólica, mas dá para pagar a faxineira, luz, água e algum material escolar. A escola não visa ao lucro. O que pretende é o aperfeiçoamento dos Irmãos.

Agora, no púlpito ouvimos: "Caros irmãos, é para mim um grande 'privilégio,' isto é, privilégio..."

O conhecimento ilumina o mundo e precisamos estar preparados para mostrar o interesse que os santos dos últimos dias têm pela cultura adquirida através do estudo, prática e aperfeiçoamento constante. Vemos, com satisfação, o passo de progresso em direção à meta Mórmon que é a inteligência através da qual podemos glorificar a Deus, pondo em prática e sendo exemplos da aplicação das palavras do Senhor dadas a Joseph Smith: "A glória de Deus é a Inteligência." (D&C 93:36).



Richard L. Evans

A Palavra Proferida

Águas Passadas

As pessoas são dadas a imaginar o que teria acontecido se tivessem agido de forma diferente; o que ocorreria se tivessem virado a outra esquina; se tivessem escolhido o outro emprêgo; desposado o outro homem; se tivessem ido antes ao médico; se tivessem escolhido a outra estrada. Naturalmente, não podemos deixar de fazer conjecturas, mas raramente sabemos com certeza como seriam as coisas. Podemos especular quanto às probabilidades, mas poucas vêzes — se é que é possível — seremos capazes de determinar definitivamente as conseqüências plenas e finais das decisões que não tomamos, ou das coisas que deixamos de fazer. Mesmo que pudéssemos voltar atrás, e mesmo que decidíssemos de forma diferente, ainda teríamos motivo para ficar conjeturando, porque quase tôda a escolha que fazemos significa deixar de lado muitas outras alternativas. Sem dúvida todos nós temos alguns arrependimentos e apreensões e pensamos por vêzes que nossas decisões poderiam ter sido muito mais sábias e nossas vidas melhores. Mas um dos maiores desperdícios do mundo é chorar o passado. Isto não significa que não devemos lamentar os erros passados. Não quer dizer que não devamos imaginar a forma de enfrentar determinada situação se nos defrontarmos com ela novamente. Nem significa que não precisamos arrepender-nos e procurar melhorar em relação ao passado. Seguramente devemos e precisamos fazer isso. Mas os que se voltam demais para o passado, os que pensam demais no que poderia ter sido, correm de certa forma o mesmo risco que o motorista que mantém os olhos no espelho retrovisor e fica desatento à estrada que se abre à sua frente. A experiência é um grande mestre. É a estrada pela qual já passamos. Mas os acidente futuros são os que agora procuramos evitar. São as curvas que jazem à frente que nos preocupam. Quaisquer que sejam os erros que tenhamos feito, os débitos em que tenhamos incorrido, sejam quais forem os deveres que tenhamos postergado, a única forma de corrigir está à frente. Esta é a fórmula inflexível da vida. O que foi ou poderia ter sido pode servir de advertência — mas o que pode ainda ser é que causa maior preocupação.



"A Palavra Proferida" da Praça do Templo
apresentada pela KSL e pela CBS

Copyright 1967